

Universidade de São Paulo – USP
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH
Departamento de Letras Clássicas – DLCV

Maria Lia Leal Soares

Ovídio e o poema calendário:

Os Fastos, Livro II, o mês das expiações

São Paulo
2007

Maria Lia Leal Soares

Ovídio e o poema calendário:

Os Fastos, Livro II, o mês das expiações

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de mestre em Letras

Área de concentração: Letras Clássicas

Orientador: Prof. Dr. Christian Werner

São Paulo
2007

A Guilherme, Beatriz e Rafael

Agradecimentos:

A Erika Werner, Alisson Araújo, Emília de Moraes, Irene Sad, Marcelo Fernandes

Especialmente ao Professor Doutor Christian Werner, pelo acolhimento

RESUMO

Soares, M. L. L. *Ovídio e o poema calendário: Os Fastos, Livro II, o mês das expiações*. 2007, 85p. Dissertação (mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

A finalidade deste trabalho é realizar um breve comentário e a tradução do Livro II dos Fastos, de Ovídio. Adicionalmente, busca investigar a importância do texto no conjunto da obra ovidiana, suas principais influências e fontes e o gênero poético em que foi composto.

Palavras-chave: poesia latina; poesia didática; Ovídio; Fastos; tradução de textos clássicos

ABSTRACT

Soares, M. L. L. *Ovid and the Calendar Poem: The Fasti, Book II, the Month of the Atonements*. 2007, 85f. Dissertação (mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

The purpose of this work is to present a commentary and translation of the Ovid's Fasti Book II. Additionally, it aims investigate the importance of the text in the context of ovid's works, its main influences and sources and poetic genre in which it was composed.

Keywords: Ancient Latin Poetry; Didactic Poetry; Ovid; Fasti; Translation of Classical Texts

SUMÁRIO

I. Os Fastos na obra poética de Ovídio.....	07
1.1. Datação.....	07
1.2. Conteúdo dos Fastos	09
1.3. Principais influências sobre os Fastos.....	10
2. Metro, caráter etiológico e gênero didático.....	13
3. O calendário.....	16
4. Critérios de tradução.....	24
II. P. Ovidi Nasonis Fastorum Liber Secundus.....	25
III. Tradução: Fastos – Livro 2.....	44
IV. Breves Comentários ao Livro II dos Fastos.....	71
V. Bibliografia	80

OVÍDIO E O POEMA CALENDÁRIO:

LIVRO II, O MÊS DAS EXPIAÇÕES

I- Os *Fastos* na obra poética de Ovídio

1.1 Datação

As *Metamorfoses* e os *Fastos* muito provavelmente datam da mesma época, entre 2 AD e 8 AD, representando a fase madura da produção ovidiana. Essas obras foram compostas depois da segunda edição de *Amores*, da primeira da *Ars Amatoria* e de *Remedia Amoris*.

Os *Fastos*, como os conhecemos hoje,¹ constituem uma obra formada por seis livros, correspondentes aos seis primeiros meses do ano. Não se sabe se Ovídio chegou a escrever os outros seis livros relativos à segunda metade do ano, apesar de ele os mencionar, em *Tristia* 2.549-52²: “*sex ego fastorum scripsi totidemque libellos/cumque suo finem mense libellus habet/ Idque tuo nuper scriptum sub nomine, Caesar,/Et tibi sacratum sors mea rupit opus.* (“Escrevi seis e mais outros seis livros dos *Fastos*, e eles contêm, cada qual, os seus meses; essa obra foi recentemente dedicada a ti, César, mas minha sorte a interrompeu”)³.

Muito se discutiu a respeito dessa citação. O mais provável é que, de fato, ele tenha chegado a esboçar os seis outros volumes, embora só tenha concluído os seis primeiros.

¹ Cf. The *Fasti* of Ovid Edited with Notes And Indices by Hallan, G. H. (1882), p. XVII-XIX; Toohey, P. (1996), p. 124-5; Ovide *Les Fastes*, texte établi, traduit et commenté par R. Schilling (1992) tome I p. VII - X; Ovid *Fasti* Book IV edited by Elaine Fantham. (1998) P. 1 – 4; Ovid *Fasti* with an English Translation by Sir James George Frazer (1986) p. XXI-XXIII.

² *Tristes*, texte établi et traduit par Henri Bomecque. Paris, Lesl Belles Lettres, 1968.

No caso das *Metamorphoses*, ele afirma:⁴ *carmina mutatas hominum dicentia formas,/ infelix domini quod fuga rupit opus* (“os poemas que relatam as transformações das formas dos homens, obra que o infeliz exílio de seu autor interrompeu”); e ainda: *ablatus mediis opus est incundibus illud,/ defuit et scriptis ultima lima meis/et ueniam pro laude peto ...*⁵ (“a obra foi arrancada ainda na bigorna, faltou aos meus escritos uma última limada; peço, em lugar do louvor, a indulgência...”). Ainda que o poeta afirme que seu banimento o tenha impedido de completar as *Metamorphoses* e que tenha faltado a elas uma última revisão (última limada), ainda assim temos os quinze livros completos dessa obra; por outro lado, ele afirma ter escrito os doze livros dos *Fastos*, embora só tenhamos os seis primeiros, o que nos leva a concluir que provavelmente Ovídio exagerou ao afirmar ter escrito todos os livros completos dos *Fastos*, apesar de ele usar o mesmo verbo, *rupit*, para se referir à interrupção provocada pelo exílio com relação aos dois poemas; exagerou ao afirmar que as *Metamorphoses* ficaram incompletas e exagerou ao afirmar que os *Fastos* estavam completos. Fantham⁶ sugere que a falsa alegação de que já tivesse completado os doze livros dos *Fastos* pode, simplesmente, ser uma justificativa ou uma artimanha maliciosa para que Augusto se sentisse responsável pela perda do trabalho que lhe traria maiores honras⁷.

A obra foi inicialmente dedicada a Augusto, como se pode ver na citação acima (*Tr.* 2. 551). Quando Ovídio foi banido (9 AD), o trabalho, provavelmente, manteve-se intocado até a morte do soberano (14 AD), sendo, então, revisado – pelo menos o livro I – e dedicado a Germânico (15 aC – 19 AD), sobrinho e filho adotivo de

³ Em 9 AD, por motivos desconhecidos, Ovídio (47 aC – 18 AD) foi banido para a inóspita região de Tomos no Mar Negro.

⁴ *Ib.* 1. 7. 13-14.

⁵ *Ib.* 1. 7. 29-32.

⁶ Cf. Ovid *Fasti* book IV edited by Fantham, E. Cambridge University Press 1998. p. 2.

Tibério, jovem erudito e poeta, de quem Ovídio esperava uma intervenção na anulação de sua condenação. Acredita-se que a dedicatória anterior, inicialmente contida no livro I e dirigida a Augusto, foi transferida para o livro II.⁸

1.2 Conteúdo dos *Fastos*

O livro I inicia-se com o dístico que irá definir o tema do poema. *Tempora cum causis Latium digesta per annum/Lapsaque sub terras orta que signa canam*⁹ (“As divisões do ano do Lácio com suas causas, o nascer e o ocaso dos astros sob a terra cantarei”). A proposta de Ovídio é bastante ambiciosa, e ele a cumpre em sua íntegra: canta todo o tempo cíclico anual – ao menos os primeiros seis meses – rememorando os acontecimentos de diferentes tempos cronológicos do passado romano, trazendo à luz o poder, a história e a identidade do povo, tendo o cuidado de ainda acrescentar os dados astrológicos para algumas das comemorações.

As implicações contidas nesse primeiro dístico são muito importantes. Inicialmente, tentaremos formular, sucintamente, o que há por trás dele. Podemos vislumbrar diversas influências implícitas. A primeira grande questão a ser colocada diz respeito ao termo “causa” empregado no primeiro verso, que já remete a um poema etiológico, fato que nos leva a dois modelos literários: Calímaco e Propércio.

1.3 Principais influências sobre os *Fastos*

Calímaco, poeta que floresceu por volta de 270 aC e que viveu em Alexandria, escreveu, entre outras obras, os *Áitia* (“Origens”), poema do qual só

⁷ Augusto nasceu em setembro, foi concebido em dezembro (os romanos davam importância a essa efeméride) e o mês *sextillis* passou a chamar-se *Augustus* em sua homenagem.

⁸ Cf. nota 1

⁹ Ovide. Les Fastes. Tome I Livres I-III. Texte Établi, Traduit Et Commenté par Robert Shilling. Les Belles Lettres. Paris, 1992. Todas as citações dos *Fastos*, daqui em diante, referentes aos tomos I a III serão extraídas dessa edição.

restaram fragmentos. Esse trabalho influenciou profundamente os poetas romanos e foi particularmente importante tanto para as obras de Propércio quanto para as de Ovídio.

O poema de Calímaco, *Áitia*, é uma obra composta provavelmente de quatro livros e que trata das origens dos costumes, ritos e etimologias do mundo grego. Assim como os *Fastos*, foi escrito em dísticos elegíacos, sendo, também como os *Fastos*, um poema bastante extenso: teria de 4.000 a 6.000 versos contra os aproximadamente cinco mil versos dos *Fastos*.¹⁰

Sabemos que os livros III e IV dos *Áitia* deviam ser constituídos por uma seqüência de poemas separados; já os livros I e II deviam ter a estrutura de uma narrativa contínua, onde as *aitia* individuais eram encaixadas num diálogo sucessivo entre o poeta e as Musas¹¹. Infelizmente não restou nenhum fragmento grande o suficiente dos dois primeiros livros que nos permita avaliar esses diálogos. Mas, ao que tudo indica, após um relato da Musa, o poeta encetava um novo questionamento que era respondido por outra Musa.

O livro IV inclui o famoso poema *A Trança de Berenice*. Essa obra, convém ressaltar, sobreviveu, na tradução de Catulo, poema 66. Se os livros III e IV de Calímaco eram constituídos por uma seqüência de elegias individuais, talvez eles não tivessem um fio condutor, não o sabemos. Podemos, no entanto, afirmar que os *Fastos* de Ovídio contêm um encadeamento baseado na divisão do tempo, ou seja, no calendário romano, onde o narrador apresenta-se como quem escreve dia a dia o fluir dos acontecimentos: II 1,2 *Ianus habet finem: cum carmine crescat annus/alter ut hic mensis, sic liber alter ea* (“janeiro chega ao fim: com o poema, também cresce o ano; assim como esse mês é o segundo, assim também esse livro é o segundo”).

¹⁰ Cf. Toohey, P. (1996) p. 74

O artifício literário de diálogo com os deuses também será utilizado por Ovídio de uma maneira muito própria. No livro I dos *Fastos*, o poeta, após ressaltar que Jano é uma divindade exclusivamente latina – sem correspondente algum grego¹² – pergunta ao deus: I 91-2 *ede simul causam cur de caelibus unus/ sitque quod a tergo. Sitque quod ante uides* (“diz-me porque és o único dentre os celestes ao mesmo tempo/ a ver o que está às tuas costas e à tua frente”); no livro IV, após invocar Vênus, há uma conversa entre a deusa e Ovídio na qual ela insinua ao poeta que ele a preteriu em prol de uma nova direção em sua poesia. IV 3 “*Quid tibi*”ait “*mecum? Certe maiora canebas*”¹³ (“O que queres de mim? Certamente cantarás assuntos mais elevados”). Ao que o poeta responde, na linha 8, *tu mihi propositum, tu mihi semper opus*, (“tu serás sempre meu propósito, estarás sempre em minha obra”). E no quinto livro, Ovídio dirige-se às Musas, à maneira de Calímaco, para saber a origem do nome do mês de “maio”. V 7 *Dicite, quae fontes Aganippidos Hipocrenes*, (“Dizei, vós que habitais a fonte Hipocrene Aganípica).

A outra grande influência de Ovídio, percebida nos dois primeiros versos do livro I dos *Fastos*, é a de Propércio. O livro IV de Propércio, das elegias romanas, é a parte de sua obra mais influenciada pelos *Áitia* de Calimaco, obra na qual ele se propõe a ser o investigador das causas e origens dos mitos e dos cultos de Roma.

Na primeira elegia, Propércio descreve o cenário da Roma de sua época, ou seja, da época de Augusto, comparando-o à Roma simples e pobre anterior à chegada de Enéias, exaltando os tempos em que o povo vivia modestamente. Em seguida, faz uma projeção do que tratará seu quarto livro, o que inclui a história e a religião de

¹¹ Cameron A. Callimachus and his Critics. P.347-348

¹² F. 1.90.

¹³ Ovide. Les Fastes. Tome II Livres IV – VI. Texte Établi, Traduit Et Commenté par Robert Schilling. Les Belles Lettres, Paris, 1993. Todas as citações referentes aos livros IV – VI serão extraídas dessa edição.

Roma. Em 4.1.69¹⁴ afirma: *sacra diesque canam et cognomina prisca locorum:/ has meus ad metas sudet oportet equus* (“cantarei as festas e os dias, os antigos nomes dos lugares: meu cavalo, suando, deve prosseguir nessas metas”), tornando-se, dessa forma o novo Calímaco, como ele próprio se define em 4.1.64 *Umbria Romani patria Callimachi* (Úmbria, pátria do Calímaco romano). No livro IV, porém, composto de onze poemas, Propércio cria apenas seis elegias romanas, a de número 2 (a estátua do deus Vertumno), a 4 (a rocha Tarpéia), a 6 (o templo de Apolo e a batalha de Ácio), a 9 (o grande altar de Hércules) e a 10 (o templo de Júpiter Ferétreo), abordando os temas etiológicos, propostos no Poema 1.

Ovídio comprometeu-se com um tema muito mais abrangente. Ao *dies* de Propércio ele contrapõe *tempora*, seguido de outro termo de maior alcance, *annum*. E as *causae*, em Ovídio, estão ligadas ao calendário e ao Lácio, à latinidade, não apenas a Roma, como está implícito em Propércio. Como propõe Miller,¹⁵ Ovídio seguirá não um, mas dois modelos temporais, o ritmo dos céus e as celebrações do ano romano; ou melhor, o hexâmetro em I 1 *tempora cum causis Latium digesta per annum* abrange as datas artificiais, determinadas pelas decisões humanas; o pentâmetro *lapsaque sub terras orta que signa canam*, abrange o tempo natural, marcado pelo surgir e desaparecer das constelações¹⁶. Aqui chegamos ao outro modelo literário implícito nos dois primeiros versos dos *Fastos*, Arato, que viveu por volta de 280 a.C.

Muito lido na época de Ovídio, traduzido por Cícero (106 – 43 aC) e traduzido ou adaptado por Germânico e pelo próprio Ovídio, Arato, poeta alexandrino, escreveu os *Phaenomena* (“Fenômenos”), única obra de sua autoria que foi preservada. Constitui-se de um poema erudito com 1.154 versos hexâmetros, dividida em duas

¹⁴ Properce. Élegies. Texte établie et traduit par D. Paganelli. Paris, Les Belles Lettres, 1970.

¹⁵ Miller, J Ovid’s Elegiac Festivals. Frankfurt am Main, Peter Lang, 1991. p. 9

partes: um relato astronômico sobre os pólos e as constelações e um guia dos sinais do tempo.

O conhecimento dos mundos celestes, leva, em particular na Antiguidade, à mitologia. Arato insere, sempre que há a oportunidade, um relato mitológico associado a um fenômeno astrológico. Diz-nos Barchiesi “Ovídio, de fato, entremeou seu calendário com comentários astrológicos que são organizados de acordo com os imitadores de Arato.”¹⁷

Arato, e também Calímaco, é um típico representante da poesia feita em Alexandria a partir do terceiro século que antecedeu à nossa era. Esses poetas desenvolvem uma erudição que será fundamental para a poesia latina; suas obras são permeadas por um conjunto de narrativas, principalmente mitológicas que não têm mais um caráter religioso, mas têm quase que um caráter de religião dos gregos residentes no Egito, com sua cultura original, e resulta na produção de uma poesia douta. Esses saberes foram acumulados nos grandes centros de cultura mantidos pelos Ptolomeus, principalmente na famosa biblioteca de Alexandria, a qual Calímaco freqüentara.

2. Metro, caráter etiológico e gênero didático

O metro usado por Ovídio é o dístico elegíaco, empregado por ele em toda sua obra, com exceção das *Metamorfoses*, compostas em hexâmetros. Inicialmente, pode causar estranheza essa escolha, uma vez que a obra tratará de um assunto muito abrangente. Cantar o ano romano com suas divisões é tarefa colossal, exige um fôlego tão grande que, normalmente, se esperaria um pé heróico.

¹⁶ Cf. Fantham, E. 1986 p. 245.

¹⁷ Barchiesi, A. *The Poet and the Prince*. University of California Press. Berkeley and Los Angeles, California. 1997.

Até a época de Ovídio, pelo menos, não há notícia de que tenha havido uma classificação com relação à poesia didática, pois os autores e obras que normalmente assim classificamos estavam genericamente incluídos no gênero épica. Quintiliano (30-100 AD), por exemplo, no *Institutio Oratoria* 10.1.46-56¹⁸, classifica Homero, Hesíodo, Apolônio, Arato, Teócrito, Nicandro e Euforião simplesmente como poetas épicos, apesar de, posteriormente, terem tido suas obras classificadas em “espécies” de épica, a saber, épica mitológica (Homero, Hesíodo e Apolônio), épica didática (Arato, Hesíodo e Nicandro), poesia pastoral (Teócrito) e épica miniatura (Euforião). Em outra porção da mesma obra, *Inst. Orat.* 10.1.85, inclui os poetas romanos Virgílio, Macro, Lucrécio e Germânico na épica, apesar de também todos eles poderem, no todo ou em parte, ser catalogados na épica didática.

Também Manílio, contemporâneo de Ovídio, no início do livro II das *Astronômicas*, fala de Hesíodo – tanto com relação à Teogonia quanto com relação a *Os Trabalhos e os Dias* – Arato, Teócrito, Nicandro e os poetas que “o tártaro imerso em trevas invocam da negra noite para a luz, e o mundo voltado para dentro revolvem para fora” (46-9)¹⁹, além de incluir a si próprio (56-59), “coisas nossas falarei, a nenhum vate deveremos as palavras, e não furto, mas obra própria é que virá”, arrolando todos na épica, encabeçada por Homero.

Apenas em Diomedes, gramático do sec. IV AD, encontramos, para o *genus enarratiuum*, uma subespécie *didascalice*, que tem como exemplos Empédocles, Lucrécio, Arato e Virgílio²⁰.

¹⁸ Quintilian, *The Institutio Oratoria*. With an English translation by H. E. Butler. V. IV. Loeb Classical Library. London, 1979.

¹⁹ Cf. Manílio, *Astronômicas*. Tradução, Introdução e Notas, Marcelo Vieira Fernandes. Dissertação de Mestrado na FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2006. Livro 2 1-66

²⁰ Apud Curtius, E. R. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. Edusp. São Paulo. 1996. p. 537.

Parece-nos, pelo exposto, que tanto Quintiliano quanto Manílio fizeram uma classificação levando em conta apenas a métrica, ou seja, incluíram na épica todas as obras em hexâmetros. Para uma classificação desses poemas como épica didática, no entanto, faz-se necessária uma análise não só da forma, mas também da matéria

Toohey²¹ nos fornece algumas chaves para essa análise. A poesia que ensina tem, muitas vezes, valor filosófico e moral; há sempre a voz de um instrutor e um destinatário, ou um destinatário genérico; o assunto é geralmente sério, às vezes “científico”, como astronomia, geografia, agricultura ou temas de cunho moral, sempre ilustrados com mitologia, ou mesmo com acontecimentos mais ligados à vida real.

Por esse prisma, podemos avaliar o aspecto didático dos *Fastos*. Toohey aponta como destinatários Germânico, Augusto e ainda um leitor não bem definido. Podemos observar I. 3-4 *excipe pacato, Caesar Germanique, uoltu/hoc opus et timidae derige nauis iter;* (“recebe com plácido semblante, César Germânico, essa obra e dirige o curso de minha tímida nau;”); II 17-18 *Ergo ades et plácido paulum mea munera uoltu/respice pacando siquid ab hoste uacat.* (“Sê, portanto, presente, e com plácido semblante olha um pouco meu ofício, se te encontras um tanto livre da pacificação do inimigo.”). I 591 *Perlege dispositas generosa per atria ceras:* (“Observa as máscaras de cera dispostas nos átrios dos nobres:”).

Há, nos *Fastos*, instruções técnicas sobre tópicos relacionados ao calendário e astronomia; podemos ressaltar o conteúdo de informações aos leitores contido na descrição dos rituais e suas etiologias, bem como as etimologias que ele propõe para diversas palavras ao longo do poema. Há a presença de ilustrações tanto

²¹ Toohey, P. *Epic Lessons An introduction to ancient didactic poetry*. Routledge. London, 1996.

mitológicas quanto ligadas a acontecimentos reais e até mesmo cotidianas, como veremos na análise do Livro II

Os *Fastos* de Ovídio são influenciados, acima de tudo, pelos *Aitia* de Calímaco, a elegia etiológica, de matéria elevada, em oposição à elegia amorosa, o que não significa que não haja nos *Fastos* relatos amorosos, assim como também os há nos *Aitia* (por exemplo, o amor de Acôncio e Cidipe). Parece-nos muito claro que, ao optar pelos dísticos elegíacos nos *Fastos*, Ovídio faz uma opção pela elegia etiológica nos moldes dos *Aitia* de Calímaco. Nesse sentido, Herbert-Brown afirma, com relação ao gênero dos *Fastos*, que “esse é um novo gênero, a meio caminho entre os extremos opostos da elegia amorosa frívola e da sublime grandeza da épica.”²² Poderíamos objetar que a épica não é tão sublime assim nem a elegia amorosa tão frívola, mas essa não é a questão a ser abordada no momento.

3. O Calendário

Ovídio atribui a Rômulo a criação do primeiro calendário, I 27-28, *tempora digeret cum conditor Urbis, in anno/constituit menses quinque bis esse suo*. (“quando o fundador da Urbe dividiu os tempos, no ano, ele instituiu duas vezes cinco meses”). O ano de Rômulo era formado por dez meses lunares (304 dias); I 33-36, *Quod satis est utero matris dum prodeat infans,/hoc anno statuit temporis esse satis./Per totidem menses a funere coniugis uxor/ sustinet in uidua tristia signa domo* (“O tempo suficiente para a criança sair do útero da mãe, ele o instituiu como suficiente para um ano. O mesmo número de meses que a esposa mantém os tristes sinais da viuvez, pela morte do esposo, em sua casa”). O ano começava em março, seguido de abril, maio, junho e, como mostram os meses subseqüentes, *quintilis december*, terminava em

²² Herbert-Brown (1994) *Ovid and the Fasti a historical study*. Clarendon Press . Oxford pag. 7.

dezembro, último e décimo mês do antigo calendário, I 39: *Martis erat primus mensis Venerisque secundus* (o primeiro mês era de Marte, o segundo de Vênus). O segundo rei de Roma, Numa Pompílio, acrescentou dois meses ao calendário de seu predecessor, os meses de janeiro e fevereiro, I 43-44: *at Numa nec Ianum nec auitas praeterit umbras, /mensibus antiquis praeposuitque duos*. (mas Numa não preteriu nem Jano nem as sombras dos ancestrais²³, aos antigos meses ele antepôs dois). Ovídio admite que o ano de Numa começava em janeiro, seu penúltimo mês era dezembro, e o último era fevereiro, mas os decênviros fizeram uma mudança para que o ano terminasse em dezembro, II 47-54: *Sed tamen, antiqui ne necius ordinis erres,/primus, ut est, Iani mensis et ante fuit./Qui sequitur Ianum ueteris fuit ultimis anni;tu quoque sacrorum, Termine, finis eras./Primus enim Iani mensis qui ianua prima est,/qui sacer est imis Manibus imus erat./Postmodo creduntur spatio distantia longo/Tempora bis quini continuaisse uiri* (“Entretanto, para que não te enganes, ignorando a antiga ordem, o mês de Jano também antes foi o primeiro, como é hoje. O que se segue a Jano era o último do antigo ano. Tu, também, Término²⁴, eras o fim das festividades sacras. Pois o primeiro é o mês de Jano porque a porta é a primeira²⁵. O que é sagrado aos extremos manes era o extremo. Depois, acredita-se que os decênviros reuniram os tempos que estavam afastados por grande espaço).

Apesar da adição dos dois meses, por Numa, o calendário continuou com erros até a reforma de Júlio César, III 51-152: *Primus, oliuiferis Romam deductus abaruis, Pompilius menses sensit abesse duos*, (“O primeiro Pompílio, que deixou seu país de oliveiras por Roma, compreendeu que faltavam dois meses”); III 155-156, *Sed tamen errabant etiam nunc tempora, donec/ Caesaris in multis haec quoque cura fuit*

²³ O mês de fevereiro era dedicado aos mortos.

²⁴ A festa do deus Término era comemorada em 23 de fevereiro.

(“Mas, ainda assim, as estações estavam erradas, até que, dentre as muitas preocupações de César, ele ainda teve essa”); III 161-164, *Ille moras solis, quibus in sua signa rediret,/ traditur exactis disposuisse notis;/ is decies senos ter centum et quinque diebus/ iunxit et e pleno tempora quinta die* (“dizem que ele, por notações exatas, estabeleceu o tempo que o sol leva até voltar a seu signo;²⁶ ele acrescentou dez vezes seis dias e a quinta parte de um dia completo a trezentos e cinco dias”).

Antes da reforma de Júlio César, como persistissem os erros no calendário, pois não havia uma correspondência entre o ano solar e o ano regulado pelos meses lunares, meses intercalares eram introduzidos para tentar reparar o desacerto. As intercalações eram feitas pelos pontífices que detinham um poder extraordinário, pois o calendário definia que tipo de dia ocorria e quando e quais deuses deveriam ser cultuados. Eles, geralmente, visavam seus próprios interesses e acabavam acarretando mais confusão do que solução. Até que Júlio César acabou com esse grande privilégio, ao transferir o conhecimento do ano aos cálculos matemáticos. Apesar da divisão do ano estar garantida pelos cálculos dos astrônomos, o *Pontifex Maximus* ainda tinha o poder de inserir comemorações ao calendário, desde que tivesse a aprovação do Senado, embora não mais pudesse acrescentar meses intercalares.

Herbert-Brown²⁷, citando Macróbio (S. 1.13), mostra como a intercalação provocou mais problemas do que os resolveu. Ela nos relata, citando Degrassi²⁸, que os *Fasti Antiates Maiores (Ant, Mai)*, único calendário que restou da época da República, permitem avaliar a extensão das mudanças políticas e religiosas que ocorreram em Roma, pela comparação com os fragmentos de mais de quarenta

²⁵ *Ianua*, em latim significa porta, entrada.

²⁶ Segundo Gee, E. (2000) o equivalente à data exata dos solstício de verão e inverno, respectivamente em Câncer e Capricórnio. P. 16.

²⁷ Herbert-Brown G. (1994:15)

calendários que sobreviveram à reforma de Júlio César. Os *Fasti Antiatres Maiores* apresentam os doze meses: quatro de 31 dias, sete de 29 dias e um com 28 dias, totalizando 355 dias no ano, em doze colunas. Uma décima terceira coluna mostra um mês intercalar (Mercedonius) que era inserido a cada dois anos, no dia 23 de fevereiro; nesse ano, fevereiro era reduzido a 23 dias e 22 ou 23 dias eram acrescentados após as Terminalia (23 de fevereiro). Os cinco dias remanescentes de fevereiro eram adicionados no fim do mês intercalar, de forma que o “intercalaris” ou “Mercedonius” consistia de 27 ou 28 dias.

Havia, em Roma²⁹ e nas demais cidades da Itália, calendários inscritos em pedra ou pintados nas paredes, também chamados calendários epigráficos, que os romanos denominavam *Fastos*. Também ficaram conhecidos como calendários cívicos e religiosos; a maioria dos que sobreviveram até nossa época, em estado bastante precário³⁰, é do período júlio-claudiano. Eles eram colocados nos templos ou em lugares públicos para orientação da população quanto à classificação dos dias, por exemplo, que tipo de atividade oficial era ou não permitida. Essas informações estavam registradas para cada dia do ano. É desses calendários que Ovídio tira o título para sua obra: *Fasti*. Ele próprio os menciona, em I 11, *Quaeque ferunt illi pictos signantia fastos/ tu quoque cum Druso praemia fratre feres* (“e as homenagens que os fastos mostram, os em letras coloridas, tu e teu irmão Druso também as ganharão”); em I 289-290, *quod tamen ex ipsis licuit mihi discere fastis,/ sacrauerunt patres hac duo templa die*. (“o que, por fim, me foi possível aprender dos próprios Fastos é que, nesse dia, nossos ancestrais consagraram dois templos.”); em I 657, *ter quater euolui signantes tempora*

²⁸ Degrassi, A. (1963), *Inscriptiones Italiae*, 13.2 (Rome) apud Herbert-Brown (1994), pag. 15.

²⁹ Cf. Pasco-Pranger, M. “Added Days: Calendrical Poetics and the Julio-Claudian Holidays” in *Ovid’s Fasti: Historical Readings at its Bimillennium*. Edited by Geraldine Herbert-Brown. Oxford, Oxford University Press, 2002. p. 252.

³⁰ Cf. Miller, J. F. (1991) p. 10

fastos/nec Sementiua est ulla reperta dies, (“por três ou quatros vezes, eu procurei, nos Fastos que mostram as festas, e não encontrei dia algum consagrado às Semeaduras.”).

Cada cidade e cada colônia estabelecia seu próprio calendário cívico que não necessariamente coincidia com o romano. Fora de Roma, eles eram instituídos pelos magistrados supremos em colaboração com o senado local; em Roma, pelo colégio dos pontífices, mas quaisquer decisões referentes à criação de novas festas eram ditadas por leis ou por *senatusconsultum*³¹

Vérrio Flaco, liberto de Augusto, homem erudito, foi tutor dos netos do Imperador e autor do *Fasti Praenestini*, uma inscrição em mármore de proporções majestosas (cerca de 2m de altura por 5,5m de largura), contendo mais anotações detalhadas que quaisquer outros calendários que sobreviveram. Localizava-se no fórum de Preneste (atual Palestrina), muito provavelmente dedicado ao *Princeps*, embora as primeiras linhas estejam faltando.

Mommsen colecionou os *Fasti anni Iuliani* no volume 1 da segunda edição do *Corpus inscriptionum latinarum* (1863)³². Dos vinte ou mais calendários inscritos pesquisados por Mommsen, apenas dois contêm alguma referência à astronomia, e essas referências são extremamente breves. Segundo Carole Newlands, os calendários romanos que restaram sugerem que a informação sobre o nascimento e o ocaso das estrelas não era uma parte essencial do calendário cívico e, se ocorreram, de alguma maneira, foram muito dispersas³³.

Devido à falta de sincronicidade entre o calendário cívico e o calendário natural, construído de acordo com o surgimento e desaparecimento dos signos do

³¹ Decreto do senado

³² Apud Gee, (2000) Emma Ovid, Aratus and Augustus, Cambridge University Press pag. 10

³³ Newlands (1995) 28-9. Apud Gee E. (2000) p. 10

zodíaco e que determinava os trabalhos agrícolas, esses calendários sempre tiveram uma existência paralela, isto é, os trabalhos agrícolas, a navegação e as demais atividades que requeressem a precisão do tempo certo para desempenhar suas funções usavam o calendário de acordo com o comportamento dos astros, e a sociedade romana seguia as indicações do calendário cívico. Dois calendários agrícolas, remanescentes, elucidam esse fato: o *Menologium Rusticum Vallense* e o *Menologium Rusticum Colotianum*³⁴. Ambos são ilustrados com signos astrológicos na coluna de cada mês e ambos fornecem a casa do sol no zodíaco em qualquer época, assim como o número de dias em cada mês e as horas no dia e na noite, e também as festas e atividades agrícolas por todo o ano.

Em 45 a.C., por iniciativa de Júlio César (102 – 44 a.C.), foi instituído o novo calendário. A reforma do calendário de Júlio César sincronizou o ano celeste com o ano civil. Em 46 a.C, César, com o auxílio do matemático alexandrino Sosígenes, ajustou o calendário da República, que constava de, alternativamente, 355 e 377 ou 378 dias por ano, baseado em meses lunares e intercalações, ao ano solar de 365 dias e mais um quarto de dia.

Esse sistema veio superar o problema herdado do calendário tradicional, baseado em meses lunares: doze lunações são menores que o período de tempo que constitui o ano solar, e treze lunações perfazem um tempo maior.

Em 46 a.C. Júlio César acrescentou 90 dias ao calendário, de forma que a partir de 1º de janeiro de 45 a.C., os meses estavam corretamente alinhados com as estações e o ano solar.

Após o assassinato de César, em 44 a.C., os pontífices não entenderam suas indicações para a intercalação de um dia a cada quatro anos, e o fizeram a cada

³⁴Mommsen (1863) 358-60, Degrassi (1963) 284-98 e tab. LXXXI LXXII e LXXXIV LXXXVI. Apud Gee E. 2000. pag. 11.

três. Em 9 a.C., sendo Augusto *Pontifex Maximus*, portanto oficialmente encarregado do calendário, corrigiu o erro, omitindo as intercalações por mais dezesseis anos. A partir de 8 A.D.³⁵, um dia intercalar foi inserido a cada quatro anos de modo que o calendário juliano começou a ser seguido quase como o calendário moderno, ou seja, a cada 4 anos foi acrescentado um dia a fevereiro, após o dia 23, isto é, o sexto dia antes das calendas de março, um sexto dia duas vezes, portanto bissexto.

O sistema de dias seculares e sacros, do qual ainda falaremos, mudou o menos possível com a reforma de Júlio César, já que as mudanças gerariam uma crise na identidade romana e afrontaria tanto o patriotismo quanto questões ligadas ao culto aos deuses, de modo que ele foi inserido no ano solar de 365 dias e um quarto de dia.

Novas comemorações foram acrescentadas, principalmente por Augusto, para lembrar, principalmente, os feitos da *gens iulia*. Em 44 a.C., o Senado aprovou que o mês *Quintilis* passasse a ser chamado de *Iulius*, em homenagem a Júlio César, e em 8 a.C., *Sextilis* tornou-se *Augustus*, em homenagem ao próprio Augusto, por ser o mês em que ele obteve seu primeiro consulado e troféus de vitória.

Os romanos³⁶ distinguiam entre os dias feriados ou de festas públicas (*dies festi*), devotados aos deuses, os dias de trabalho (*dies profesti*), livres para as atividades privadas e públicas, e os dias divididos (*dies intercesi*), partilhados entre os deuses e os homens. Os dias de festas públicas eram aqueles em que se celebravam sacrifícios aos deuses, havia jogos dedicados a eles e banquetes sagrados. Essas festas podiam ser de quatro tipos: festas fixas (*feriae stativae*), festas móveis (*festi conceptivae*), festas prescritas excepcionalmente (*feriae imperativae*), ordenadas pelos cônsules ou pelos pretores, e talvez os dias de mercado (*nundinae*).

³⁵ Herbert-Brown G. (2002) p. 116

Cada dia trazia uma marca³⁷, representada por uma letra ao lado, que determinava seu status, o que era indispensável para que não se corresse o risco de cometer profanação. Consistiam em indícios importantes, pois revelavam imediatamente ao público romano o teor profano ou religioso do dia (ou da porção do dia). Dessa forma, o dia poderia vir seguido da letra **F** (*fastus*), liberado para os assuntos jurídicos; poderia ter a letra **C** (*comitialis*), em que a *comitia*, assembléia do povo, podia ser convocada e votar assuntos de legislação ou veredictos a respeito de crimes; a letra **N** (*nefastus*), dia em que não podem ser decididos assuntos legais nem se pode reunir a *Comitia*; **EN** (*endotercisus*), dias divididos entre a noite e a manhã **N**, e a tarde **F**, cf., *Fasti* I 45-50, *ne tamen ignores uariorum iura dierum,/non habet officii Lúçifer omnis idem./Ille nefastus erit per quem tria uerba silentur;/fastus erit per quem lege licebit agi./Nec toto perstare die sua iura putaris:/qui iam fastus erit mane nefatus erat;* (“no entanto, para que não desconheças a legislação dos diferentes dias, nem todo dia tem os mesmos preceitos. Será nefasto aquele dia no qual as três palavras³⁸ não serão pronunciadas. Será fasto aquele no qual estará permitida a atividade jurídica. Nem julgues que por todo o dia persistirá a mesma regulamentação: o que era nefasto de manhã será fasto em seguida”). Além dos dias **NF**, dias incertos, sem definição de significado, provavelmente significando *Nefastus Publicus*.

Havia, ainda³⁹, dias marcados por algumas proibições, ou os *dies religiosi*, dos quais fazem parte as Calendas, as Nonas e os Idos, que são impróprios

³⁶ Ovide, *Les Fastes* (1992) p. XIV – XVIII.

³⁷ Cf. n. 36.

³⁸ As três palavras que o sacerdote não pode pronunciar são; *do*, *dico* e *addico*. Palavras que dão início às instâncias judiciárias. Ele pronuncia *do* (iudicem) quando está de acordo com um juiz; *dico* (*uindicias secusecundum aliquem*) quando ele outorga a posse interina da coisa reivindicada a um dos pleiteadores; *addico* (*litem*) quando ele aprova a pretensão de um dos pleiteantes. Cf. M. Kaser, *Das römische Zivilprozessrecht*, Munich, 1966, p. 28-29; A. Giffard, *Études de droit romain*, Paris, 1972, p. 18-19. Apud *Les Fastes* (1992), tome I p. 100, n. 17.

³⁹ Cf. n. 36.

para os casamentos. Outra categoria era a dos *dies atri*, dias sombrios ou funestos. Por exemplo, os dias seguinte às Calendas, às Nonas e aos Idos foram declarados *atri* por uma decisão dos pontífices, por causa de reveses militares sofridos em tais dias. Os sacrifícios, os combates e as reuniões da assembleia do povo ficavam proibidos nesses dias, cf. *Fastos II*, 205, onde há o relato dos 306 Fábio liquidados na batalha de Cremera).

Os calendários epigráficos que sobreviveram num espaço de cinco séculos apresentam uma organização básica semelhante. Os meses estão colocados da esquerda para a direita, de janeiro a dezembro, às vezes separados por linhas, cada um ocupando uma coluna. Em baixo de cada mês, há as indicações sobre cada dia individual. As letras A até H são indicações dos dias de mercado; são marcados as calendas, nonas e idos; há abreviações, em geral **F**, **N**, **NP**, ou **C**, caracterizando o dia e também estão assinalados, abreviadamente, festas, jogos e aniversários dos templos.

4 - Critérios de Tradução

O texto latino utilizado como base para a tradução e reproduzido neste trabalho é o da edição estabelecida por Robert Schilling para Les Belles Lettres⁴⁰. Foram usadas também as edições de Sir James Frazer, para a Loeb Classical Library⁴¹ e de G. H. Hallam para a MacMillan and Co⁴².

Embora tenhamos optado pela tradução em prosa, tendendo o quanto possível à literalidade, mantivemos o estilo paratático de Ovídio, ou seja, a sucessão rítmica de orações breves, pois nos parece melhor se coadunar com o poema que registra o suceder do tempo ligado ao movimento celeste das constelações, tal com o

⁴⁰ Ovidii *Fasti*. Edité, traduit et commenté par Robert Schilling. Paris, 1992

⁴¹ *Fasti*, With an English Translation by Sir James Frazer, Cambridge, Massachusetts, London, Harvard University Press, 1989.

poeta pôde observá-lo na Itália do século I A.D. Supomos que a aparente descontinuidade da escritura, constituída por orações sem vínculos conjuntivos corresponderia ao contínuo do tempo marcado por eventos discretos.

⁴² The Fasti of Ovid, Edited with notes and Indices by G. H. Hallam, London, 1882.

II. P. OVIDI NASONIS FASTORVM LIBER SECVNDVS

Ianus habet finem. cum carmine crescit et annus: alter ut hic mensis, sic liber alter eat. nunc primum uelis, elegi, maioribus itis: exiguum, memini, nuper eratis opus.	
ipse ego uos habui faciles in amore ministros, cum lusit numeris prima iuuenta suis.	5
idem sacra cano signataque tempora fastis: ecquis ad haec illinc crederet esse uiam? haec mea militia est; ferimus quae possumus arma, dextraque non omni munere nostra uacat.	10
si mihi non ualido torquentur pila lacerto nec bellatoris terga premuntur equi, nec galea tegimur, nec acuto cingimur ense (his habilis telis quilibet esse potest), at tua prosequimur studioso pectore, Caesar, nomina, per titulos ingredimurque tuos.	15
ergo ades et placido paulum mea munera uoltu respice, pacando siquid ab hoste uacat. Februa Romani dixere piamina patres: nunc quoque dant uerbo plurima signa fidem.	20
pontifices ab rege petunt et flamine lanas, quis ueterum lingua februa nomen erat; quaeque capit lictor domibus purgamina certis, torrida cum mica farra, uocantur idem; nomen idem ramo, qui caesus ab arbore pura casta sacerdotum tempora fronde tegit.	25
ipse ego flaminicam poscentem februa uidi; februa poscenti pinea uirga data est. denique quodcumque est quo corpora nostra piantur, hoc apud intonsos nomen habebat auos.	30
mensis ab his dictus, secta quia pelle Luperci omne solum lustrant, idque piamen habent; aut quia placatis sunt tempora pura sepulcris, tum cum ferales praeteriere dies.	35
omne nefas omnemque mali purgamina causam credebant nostri tollere posse senes. Graecia principium moris dedit: illa nocentes impia lustratos ponere facta putat.	
Actoriden Peleus, ipsum quoque Pelea Phoci caede per Haemonias soluit Acastus aquas; uectam frenatis per inane draconibus Aegeus credulus immerita Phasida fouit ope;	40
Amphiareiades Naupactoo Acheloo 'solue nefas' dixit, soluit et ille nefas. ah nimium faciles, qui tristia crimina caedis	45

fluminea tolli posse putatis aqua!
 Sed tamen, antiqui ne nescius ordinis erres,
 primus, ut est, Iani mensis et ante fuit;
 qui sequitur Ianum, ueteris fuit ultimus anni:
 tu quoque sacrorum, Termine, finis eras. 50
 primus enim Iani mensis, quia ianua prima est:
 qui sacer est imis manibus, imus erat.
 postmodo creduntur spatio distantia longo
 tempora bis quini continuasse uiri.

K. FEB. N

Principio mensis Phrygiae contermina Matri 55
 Sospita delubris dicitur aucta nouis.
 nunc ubi sunt, illis quae sunt sacrata Kalendis
 templa deae? longa procubuere die.
 cetera ne simili caderent labefacta ruina
 cauit sacrati prouida cura ducis, 60
 sub quo delubris sentitur nulla senectus;
 nec satis est homines, obligat ille deos.
 templorum positor, templorum sancte repostor,
 sit superis opto mutua cura tui.
 dent tibi caelestes, quos tu caelestibus, annos, 65
 proque tua maneant in statione domo.
 tum quoque uicini lucus celebratur Alerni,
 qua petit aequoreas aduena Thybris aquas.
 ad penetrale Numae Capitolinumque Tonantem
 inque Iouis summa caeditur arce bidens. 70
 saepe graues pluuias adopertus nubibus aether
 concitat, aut posita sub niue terra latet.
 Proximus Hesperias Titan abiturus in undas
 gemmea purpureis cum iuga demet equis,
 illa nocte aliquis, tollens ad sidera uoltum, 75
 dicit 'ubi est hodie quae Lyra fulsit heri?'
 dumque Lyram quaeret, medii quoque terga Leonis
 in liquidas subito mersa notabit aquas.
 Quem modo caelatam stellis Delphina uidebas,
 is fugiet uisus nocte sequente tuos, 80
 seu fuit occultis felix in amoribus index,
 Lesbida cum domino seu tulit ille lyram.
 quod mare non nouit, quae nescit Ariona tellus?
 carmine currentes ille tenebat aquas.
 saepe sequens agnam lupus est a uoce retentus, 85
 saepe auidum fugiens restitit agna lupum;
 saepe canes leporesque umbra iacuere sub una,
 et stetit in saxo proxima cerua leae,
 et sine lite loquax cum Palladis alite cornix
 sedit, et accipitri iuncta columba fuit. 90
 Cynthia saepe tuis fertur, uocalis Arion,
 tamquam fraternis obstipuisse modis.
 nomen Arionium Siculas impleuerat urbes

captaque erat lyricis Ausonis ora sonis;
 inde domum repetens puppem conscendit Arion, 95
 atque ita quaesitas arte ferebat opes.
 forsitan, infelix, uentos undasque timebas:
 at tibi naue tua tutius aequor erat.
 namque gubernator dstricto constitit ense
 ceteraque armata conscia turba manu. 100
 quid tibi cum gladio? dubiam rege, nauita, puppem:
 non haec sunt digitis arma tenenda tuis.
 ille, metu pavidus, 'mortem non deprecor' inquit,
 'sed liceat sumpta pauca referre lyra.'
 dant ueniam ridentque moram: capit ille coronam, 105
 quae possit crines, Phoebe, decere tuos;
 induerat Tyrio bis tinctam murice pallam:
 reddidit icta suos pollice chorda sonos,
 flebilibus numeris ueluti canentia dura
 traiectus penna tempora cantat olor. 110
 protinus in medias ornatus desilit undas;
 spargitur impulsa caerula puppis aqua.
 inde (fide maius) tergo delphina recuruo
 se memorant oneri subposuisse nouo.
 ille, sedens citharamque tenens, pretiumque uehendi 115
 cantat et aequoreas carmine mulcet aquas.
 di pia facta uident: astris delphina recepit
 Iuppiter et stellas iussit habere nouem.

NON. NP

Nunc mihi mille sonos quoque est memoratus Achilles
 uellem, Maeonide, pectus inesse tuum, 120
 dum canimus sacras alterno carmine Nonas.
 maximus hic fastis accumulatur honor.
 deficit ingenium, maioraque uiribus urgent:
 haec mihi praecipuo est ore canenda dies.
 quid uolui demens elegis imponere tantum 125
 ponderis? heroi res erat ista pedis.
 sancte pater patriae, tibi plebs, tibi curia nomen
 hoc dedit, hoc dedimus nos tibi nomen, eques.
 res tamen ante dedit: sero quoque uera tulisti
 nomina, iam pridem tu pater orbis eras. 130
 hoc tu per terras, quod in aethere Iuppiter alto,
 nomen habes: hominum tu pater, ille deum.
 Romule, concedes: facit hic tua magna tuendo
 moenia, tu dederas transilienda Remo.
 te Tatius paruique Cures Caeninaque sensit, 135
 hoc duce Romanum est solis utrumque latus;
 tu breue nescioquid uictae telluris habebas,
 quodcumque est alto sub Ioue, Caesar habet.
 tu rapis, hic castas duce se iubet esse maritas;
 tu recipis luco, reppulit ille nefas; 140
 uis tibi grata fuit, florent sub Caesare leges;

tu domini nomen, principis ille tenet;
 te Remus incusat, ueniam dedit hostibus ille;
 caelestem fecit te pater, ille patrem.
 Iam puer Idaeus media tenus eminent aluo, 145
 et liquidas mixto nectare fundit aquas.
 en etiam, siquis Borean horrere solebat,
 gaudeat: a Zephyris mollior aura uenit.
 Quintus ab aequoreis nitidum iubar extulit undis
 Lucifer, et primi tempora ueris erunt. 150
 ne fallare tamen, restant tibi frigora, restant,
 magnaue discedens signa reliquit hiems.
 Tertia nox ueniat, Custodem protinus Vrsae
 aspicias geminos exseruisse pedes.
 inter hamadryadas iaculatricemque Dianam 155
 Callisto sacri pars fuit una chori.
 illa, deae tangens arcus, 'quos tangimus arcus,
 este meae testes uirginitatis' ait.
 Cynthia laudauit, 'promissa' que 'foedera serua,
 et comitum princeps tu mihi' dixit 'eris.' 160
 foedera seruasset, si non formosa fuisset:
 cauit mortales, de Ioue crimen habet.
 mille feras Phoebe siluis uenata redibat
 aut plus aut medium sole tenente diem;
 ut tetigit lucum (densa niger ilice lucus, 165
 in medio gelidae fons erat altus aquae),
 'hic' ait 'in silua, uirgo Tegeaea, lauemur';
 erubuit falso uirginis illa sono.
 dixerat et nymphis. nymphae uelamina ponunt;
 hanc pudet, et tardae dat mala signa morae. 170
 exuerat tunicas; uteri manifesta tumore
 proditur indicio ponderis ipsa suo.
 cui dea 'uirgineos, periura Lycaoni, coetus
 desere, nec castas pollue' dixit 'aquas.'
 luna nouum decies implerat cornibus orbem: 175
 quae fuerat uirgo credita, mater erat.
 laesa furit Iuno, formam mutatque puellae:
 quid facis? inuito est pectore passa Iouem.
 utque ferae uidit turpes in paelice uoltus,
 'huius in amplexus, Iuppiter,' inquit 'eas.' 180
 ursa per incultos errabat squalida montes
 quae fuerat summo nuper amata Ioui.
 iam tria lustra puer furto conceptus agebat,
 cum mater nato est obuia facta suo.
 illa quidem, tamquam cognosceret, adstitit amens, 185
 et gemuit: gemitus uerba parentis erant.
 hanc puer ignarus iaculo fixisset acuto
 ni foret in superas raptus uterque domos.
 signa propinqua micant: prior est, quam dicimus Arcton,
 Arctophylax formam terga sequentis habet. 190
 saeuit adhuc canamque rogat Saturnia Tethyn

Maenaliam tactis ne lauet Arcton aquis.

EID. NP

Idibus agrestis fumant altaria Fauni
 hic ubi discretas insula rumpit aquas. 195
 haec fuit illa dies in qua Veientibus armis
 ter centum Fabii ter cecidere duo.
 una domus uires et onus susceperat urbis:
 sumunt gentiles arma professa manus.
 egreditur castris miles generosus ab isdem,
 e quis dux fieri quilibet aptus erat. 200
 Carmentis portae dextro est uia proxima iano:
 ire per hanc noli, quisquis es; omen habet.
 illa fama refert Fabios exisse trecentos:
 porta uacat culpa, sed tamen omen habet.
 ut celeri passu Cremeram tetigere rapacem 205
 (turbidus hibernis ille fluebat aquis),
 castra loco ponunt: dstrictis ensibus ipsi
 Tyrrhenum ualido Marte per agmen eunt;
 non aliter quam cum Libyca de gente leones
 inuadunt sparsos lata per arua greges. 210
 diffugiunt hostes inhonestaque uolnera tergo
 accipiunt: Tusco sanguine terra rubet.
 sic iterum, sic saepe cadunt; ubi uincere aperte
 non datur, insidias armaque tecta parant.
 campus erat, campi claudebant ultima colles 215
 siluaque montanas occulere apta feras.
 in medio paucos armentaque rara relinquunt,
 cetera uirgultis abdita turba latet.
 ecce uelut torrens undis pluuiialibus auctus
 aut niue, quae Zephyro uicta tepente fluit, 220
 per sata perque uias fertur nec, ut ante solebat,
 riparum clausas margine finit aquas,
 sic Fabii uallem latis discursibus implent,
 quodque uident sternunt, nec metus alter inest.
 quo ruitis, generosa domus? male creditis hosti: 225
 simplex nobilitas, perfida tela caue.
 fraude perit uirtus: in apertos undique campos
 prosiliunt hostes et latus omne tenent.
 quid faciant pauci contra tot milia fortes?
 quidue, quod in misero tempore restet, adest? 230
 sicut aper longe siluis latratibus actus
 fulmineo celeres dissipat ore canes,
 mox tamen ipse perit, sic non moriuntur inulti,
 uolneraque alterna dantque feruntque manu.
 una dies Fabios ad bellum miserat omnes, 235
 ad bellum missos perdidit una dies.
 ut tamen Herculeae superessent semina gentis,
 credibile est ipsos consuluisse deos:
 nam puer impubes et adhuc non utilis armis

unus de Fabia gente relictus erat; 240
 scilicet ut posses olim tu, Maxime, nasci,
 cui res cunctando restituenda foret.
 Continuata loco tria sidera, Coruus et Anguis
 et medius Crater inter utrumque, iacent.
 Idibus illa latent, oriuntur nocte sequenti; 245
 quae, tibi, cur tria sint tam sociata, canam.
 forte Ioui Phoebus festum sollemne parabat
 (non faciet longas fabula nostra moras):
 'i, mea' dixit 'auis, ne quid pia sacra moretur,
 et tenuem uiuis fontibus adfer aquam.' 250
 coruus inauratum pedibus cratera recuruis
 tollit et aerium peruolat altus iter.
 stabat adhuc duris ficus densissima pomis:
 temptat eam rostro, non erat apta legi;
 immemor imperii sedisse sub arbore fertur, 255
 dum fierent tarda dulcia poma mora.
 iamque satur nigris longum rapit unguibus hydrum,
 ad dominumque redit, fictaque uerba refert:
 'hic mihi causa morae, uiuarum obsessor aquarum:
 hic tenuit fontes officiumque meum.' 260
 'addis' ait 'culpae mendacia' Phoebus 'et audes
 fatidicum uerbis fallere uelle deum?
 at tibi, dum lactens haerebit in arbore ficus,
 de nullo gelidae fonte bibentur aquae.'
 dixit, et, antiqui monimenta perennia facti, 265
 Anguis, auis, Crater sidera iuncta micant.

LUPER. NP

Tertia post Idus nudos aurora Lupercos
 aspicit, et Fauni sacra bicornis eunt.
 dicite, Pierides, sacrorum quae sit origo,
 attigerint Latias unde petita domos. 270
 Pana deum pecoris ueteres coluisse feruntur
 Arcades; Arcadiis plurimus ille iugis.
 testis erit Pholoe, testes Stymphalides undae,
 quique citis Ladon in mare currit aquis,
 cinctaque pinetis nemoris iuga Nonacrini, 275
 altaque Tricrene Parrhasiaeque niues.
 Pan erat armenti, Pan illic numen equarum,
 munus ob incolumes ille ferebat oues.
 transtulit Euander siluestria numina secum:
 hic, ubi nunc urbs est, tum locus urbis erat. 280
 inde deum colimus deuetaque sacra Pelasgis:
 flamen ad haec prisco more Dialis erat.
 cur igitur currant, et cur (sic currere mos est)
 nuda ferant posita corpora ueste, rogas?
 ipse deus uelox discurrere gaudet in altis 285
 montibus, et subitas concipit ipse fugas:
 ipse deus nudus nudos iubet ire ministros;

nec satis ad cursus commoda uestis erit.
 ante Iouem genitum terras habuisse feruntur
 Arcades, et luna gens prior illa fuit. 290
 uita feris similis, nullos agitata per usus:
 artis adhuc expers et rude uolguus erat.
 pro domibus frondes norant, pro frugibus herbas;
 nectar erat palmis hausta duabus aqua.
 nullus anhelabat sub adunco uomere taurus, 295
 nulla sub imperio terra colentis erat:
 nullus adhuc erat usus equi; se quisque ferebat:
 ibat ouis lana corpus amicta sua.
 sub Ioue durabant et corpora nuda gerebant,
 docta graues imbres et tolerare Notos. 300
 nunc quoque detecti referunt monimenta uetusti
 moris, et antiquas testificantur opes.
 Sed cur praecipue fugiat uelamina Faunus,
 traditur antiqui fabula plena ioci.
 forte comes dominae iuuenis Tirynthius ibat: 305
 uidit ab excelso Faunus utrumque iugo;
 uidit et incaluit, 'montana' que 'numina', dixit
 'nil mihi uobiscum est: hic meus ardor erit.'
 ibat odoratis umeros perfusa capillis
 Maeonis, aurato conspicienda sinu: 310
 aurea pellebant tepidos umbracula soles,
 quae tamen Herculeae sustinere manus.
 iam Bacchi nemus et Tmoli uineta tenebat,
 Hesperos et fusco roscidus ibat equo.
 antra subit tofis laqueata et pumice uiuo; 315
 garrulus in primo limine riuus erat.
 dumque parant epulas potandaque uina ministri,
 cultibus Alciden instruit illa suis:
 dat tenues tunicas Gaetulo murice tinctas,
 dat teretem zonam, qua modo cincta fuit. 320
 uentre minor zona est; tunicarum uincla relaxat,
 ut posset magnas exseruisse manus.
 fregerat armillas non illa ad bracchia factas,
 scindebant magni uincla parua pedes.
 ipsa capit clauamque grauem spoliumque leonis 325
 conditaque in pharetra tela minora sua.
 sic epulis functi sic dant sua corpora somno,
 et positis iuxta secubuere toris:
 causa, repertori uitis quia sacra parabant,
 quae facerent pure, cum foret orta dies. 330
 noctis erat medium. quid non amor improbus audet?
 roscida per tenebras Faunus ad antra uenit:
 utque uidet comites somno uinoque solutos,
 spem capit in dominis esse soporis idem.
 intrat et huc illuc temerarius errat adulter, 335
 et praefert cautas subsequiturque manus.
 uenerat ad strati captata cubilia lecti,

et felix prima sorte futurus erat;
 ut tetigit fului saetis hirsuta leonis
 uellera, pertimuit sustinuitque manum, 340
 attonitusque metu rediit, ut saepe uiator
 turbatum uiso rettulit angue pedem.
 inde tori qui iunctus erat uelamina tangit
 mollia, mendaci decipiturque nota.
 ascendit spondaque sibi propiore recumbit, 345
 et tumidum cornu durius inguen erat.
 interea tunicas ora subducit ab ima:
 horrebant densis aspera crura pilis.
 cetera temptantem subito Tirynthius heros
 reppulit: e summo decidit ille toro. 350
 fit sonus, inclamat comites et lumina poscit
 Maeonis: inlatis ignibus acta patent.
 ille gemit lecto grauiter deiectus ab alto,
 membraque de dura uix sua tollit humo.
 ridet et Alcides et qui uidere iacentem, 355
 ridet amatorem Lyda puella suum.
 ueste deus lusus fallentes lumina uestes
 non amat, et nudos ad sua sacra uocat.
 Adde peregrinis causas, mea Musa, Latinas,
 inque suo noster puluere currat equus. 360
 cornipedi Fauno caesa de more capella
 uenit ad exiguas turba uocata dapes.
 dumque sacerdotes ueribus transuta salignis
 exta parant, medias sole tenente uias,
 Romulus et frater pastoralisque iuuentus 365
 solibus et campo corpora nuda dabant.
 uectibus et iaculis et misso pondere saxi
 bracchia per lusus experienda dabant:
 pastor ab excelso 'per deuia rura iuuenkos,
 Romule, praedones, et Reme', dixit 'agunt.' 370
 longum erat armari: diuersis exit uterque
 partibus, occursu praeda recepta Remi.
 ut rediit, ueribus stridentia detrahit exta
 atque ait 'haec certe non nisi uictor edet.'
 dicta facit, Fabiique simul. uenit inritus illuc 375
 Romulus et mensas ossaque nuda uidet.
 risit, et indoluit Fabios potuisse Remumque
 uincere, Quintilios non potuisse suos.
 forma manet facti: posito uelamine currunt,
 et memorem famam quod bene cessit habet. 380
 Forsitan et quaeras cur sit locus ille Lupercal,
 quaeue diem tali nomine causa notet.
 Siluia Vestalis caelestia semina partu
 ediderat, patruo regna tenente suo;
 is iubet auferri paruos et in amne necari: 385
 quid facis? ex istis Romulus alter erit.
 iussa recusantes peragunt lacrimosa ministri

(flent tamen) et geminos in loca sola ferunt.
 Albula, quem Tiberim mersus Tiberinus in undis
 reddidit, hibernis forte tumebat aquis: 390
 hic, ubi nunc fora sunt, lintres errare uideres,
 quaque iacent ualles, Maxime Circe, tuae.
 huc ubi uenerunt (neque enim procedere possunt
 longius), ex illis unus et alter ait:
 'at quam sunt similes! at quam formosus uterque! 395
 plus tamen ex illis iste uigoris habet.
 si genus arguitur uoltu, nisi fallit imago,
 nescioquem in uobis suspicor esse deum.
 at siquis uestrae deus esset originis auctor,
 in tam praecipiti tempore ferret opem: 400
 ferret opem certe, si non ope, mater, egeret,
 quae facta est uno mater et orba die.
 nata simul, moritura simul, simul ite sub undas
 corpora.' desierat, deposuitque sinu.
 uagierunt ambo pariter: sensisse putares; 405
 hi redeunt udis in sua tecta genis.
 sustinet impositos summa cauus alueus unda:
 heu quantum fati parua tabella tulit!
 alueus in limo siluis adpulsus opacis
 paulatim fluuio deficiente sedet. 410
 arbor erat: remanent uestigia, quaeque uocatur
 Rumina nunc ficus Romula ficus erat.
 uenit ad expositos, mirum, lupa feta gemellos:
 quis credat pueris non nocuisse feram?
 non nocuisse parum est, prodest quoque. quos lupa nutrit, 415
 perdere cognatae sustinuere manus.
 constitit et cauda teneris blanditur alumnis,
 et fingit lingua corpora bina sua.
 Marte satos scires: timor abfuit. ubera ducunt
 nec sibi promissi lactis aluntur ope. 420
 illa loco nomen fecit, locus ipse Lupercis;
 magna dati nutrix praemia lactis habet.
 Quid uetat Arcadio dictos a monte Lupercos?
 Faunus in Arcadia templa Lycaeus habet.
 Nupta, quid exspectas? non tu pollentibus herbis 425
 nec prece nec magico carmine mater eris;
 excipe fecundae patienter uerbera dextrae,
 iam socer optatum nomen habebit aui.
 nam fuit illa dies, dura cum sorte maritae
 reddebant uteri pignora rara sui. 430
 'quid mihi' clamabat 'prodest rapuisse Sabinas'
 Romulus (hoc illo sceptrum tenente fuit),
 'si mea non uires, sed bellum iniuria fecit?
 utilius fuerat non habuisse nurus.'
 monte sub Esquilio multis incaeduus annis 435
 Iunonis magnae nomine lucus erat.
 huc ubi uenerunt, pariter nuptaeque uirique

suppliciter posito procubuere genu:
 cum subito motae tremuere cacumina siluae,
 et dea per lucos mira locuta suos. 440
 'Italidas matres' inquit 'sacer hircus inito.'
 obstipuit dubio territa turba sono.
 augur erat, nomen longis intercidit annis:
 nuper ab Etrusca uenerat exul humo;
 ille caprum mactat: iussae sua terga puellae 445
 pellibus exsectis percutienda dabant.
 luna resumebat decimo noua cornua motu,
 uirque pater subito nuptaque mater erat.
 gratia Lucinae: dedit haec tibi nomina lucus,
 aut quia principium tu, dea, lucis habes. 450
 parce, precor, grauidis, facilis Lucina, puellis,
 maturumque utero molliter aufer onus.
 Orta dies fuerit, tu desine credere uentis;
 perdidit illius temporis aura fidem.
 flamina non constant, et sex reserata diebus 455
 carceris Aeolii ianua lata patet.
 iam leuis obliqua subsedit Aquarius urna:
 proximus aetherios excipe, Piscis, equos.
 te memorant fratremque tuum (nam iuncta micatis
 signa) duos tergo sustinuisse deos. 460
 terribilem quondam fugiens Typhona Dione,
 tum, cum pro caelo Iuppiter arma tulit,
 uenit ad Euphraten comitata Cupidine paruo,
 inque Palaestinae margine sedit aquae.
 populus et cannae riparum summa tenebant, 465
 spemque dabant salices hos quoque posse tegi.
 dum latet, insonuit uento nemus: illa timore
 pallet, et hostiles credit adesse manus,
 utque sinu tenuit natum, 'succurrite, nymphae,
 et dis auxilium ferte duobus' ait. 470
 nec mora, prosiluit. pisces subiere gemelli:
 pro quo nunc, cernis, sidera nomen habent.
 inde nefas ducunt genus hoc imponere mensis
 nec uiolant timidi piscibus ora Syri.

QVIR. NP

Proxima lux uacua est; at tertia dicta Quirino, 475
 qui tenet hoc nomen (Romulus ante fuit),
 siue quod hasta 'curis' priscis est dicta Sabinis
 (bellicus a telo uenit in astra deus);
 siue suum regi nomen posuere Quirites,
 seu quia Romanis iunxerat ille Cures. 480
 nam pater armipotens postquam noua moenia uidit,
 multaque Romulea bella peracta manu,
 'Iuppiter', inquit 'habet Romana potentia uires:
 sanguinis officio non eget illa mei.
 redde patri natum: quamuis intercidit alter, 485

pro se proque Remo qui mihi restat erit.
 "unus erit quem tu tolles in caerula caeli"
 tu mihi dixisti: sint rata dicta Iouis.'
 Iuppiter adnuerat: nutu tremefactus uterque
 est polus, et caeli pondera nouit Atlas. 490
 est locus, antiqui Caprae dixere paludem:
 forte tuis illic, Romule, iura dabas.
 sol fugit, et remouent subeuntia nubila caelum,
 et grauis effusis decidit imber aquis.
 hinc tonat, hinc missis abrumpitur ignibus aether: 495
 fit fuga, rex patriis astra petebat equis.
 luctus erat, falsaeque patres in crimine caedis,
 haesissetque animis forsitan illa fides;
 sed Proculus Longa ueniebat Iulius Alba,
 lunaque fulgebat, nec facis usus erat, 500
 cum subito motu saepes tremuere sinistrae:
 rettulit ille gradus, horrueruntque comae.
 pulcher et humano maior trabeaque decorus
 Romulus in media uisus adesse uia
 et dixisse simul 'prohibe lugere Quirites, 505
 nec uiolent lacrimis numina nostra suis:
 tura ferant placentque nouum pia turba Quirinum,
 et patrias artes militiamque colant.'
 iussit et in tenues oculis euanuit auras;
 conuocat hic populos iussaue uerba refert. 510
 templa deo fiunt: collis quoque dictus ab illo est,
 et referunt certi sacra paterna dies.
 Lux quoque cur eadem Stultorum festa uocetur
 accipe: parua quidem causa, sed apta, subest.
 non habuit doctos tellus antiqua colonos: 515
 lassabant agiles aspera bella uiros.
 plus erat in gladio quam curuo laudis aratro:
 neglectus domino pauca ferebat ager.
 farra tamen ueteres iaciebant, farra metebant,
 primitias Cereri farra resecta dabant: 520
 usibus admoniti flammis torrenda dederunt,
 multaque peccato damna tulere suo;
 nam modo uerrebant nigras pro farre fauillas,
 nunc ipsas ignes corripuere casas.
 facta dea est Fornax: laeti Fornace coloni 525
 orant ut fruges temperet illa suas.
 curio legitimis nunc Fornacalia uerbis
 maximus indicit nec stata sacra facit:
 inque foro, multa circum pendente tabella,
 signatur certa curia quaeque nota, 530
 stultaque pars populi quae sit sua curia nescit,
 sed facit extrema sacra relata die.

FERAL. F

Est honor et tumulis, animas placare paternas,

paruaque in exstructas munera ferre pyras.
 parua petunt manes: pietas pro diuite grata est 535
 munere; non auidos Styx habet ima deos.
 tegula porrectis satis est uelata coronis
 et sparsae fruges parcaque mica salis,
 inque mero mollita Ceres uiolaeque solutae:
 haec habeat media testa relictia uia. 540
 nec maiora ueto, sed et his placabilis umbra est:
 adde preces positis et sua uerba focus.
 hunc morem Aeneas, pietatis idoneus auctor,
 attulit in terras, iuste Latine, tuas.
 ille patris Genio sollempnia dona ferebat: 545
 hinc populi ritus edidicere pios.
 at quondam, dum longa gerunt pugnacibus armis
 bella, Parentales deseruere dies.
 non impune fuit; nam dicitur omine ab isto
 Roma suburbanis incaluisse rogis. 550
 uix equidem credo: bustis exisse feruntur
 et tacitae questi tempore noctis aui,
 perque uias Urbis latosque ululasse per agros
 deformes animas, uolgus inane, ferunt.
 post ea praeteriti tumulis redduntur honores, 555
 prodigiisque uenit funeribusque modus.
 dum tamen haec fiunt, uiduae cessate puellae:
 exspectet puros pinea taeda dies,
 nec tibi, quae cupidae matura uidebere matri,
 comat uirgineas hasta recurua comas. 560
 conde tuas, Hymenaeae, faces, et ab ignibus atris
 aufer: habent alias maesta sepulcra faces.
 di quoque templorum foribus celentur opertis,
 ture uacent arae stentque sine igne foci.
 nunc animae tenues et corpora functa sepulcris 565
 errant, nunc posito pascitur umbra cibo.
 nec tamen haec ultra, quam tot de mense supersint
 Luciferi, quot habent carmina nostra pedes.
 hanc, quia iusta ferunt, dixere Feralia lucem;
 ultima placandis manibus illa dies. 570
 Ecce anus in mediis residens annosa puellis
 sacra facit Tacitae (uix tamen ipsa tacet),
 et digitis tria tura tribus sub limine ponit,
 qua breuis occultum mus sibi fecit iter:
 tum cantata ligat cum fusco licia plumbo, 575
 et septem nigras uersat in ore fabas,
 quodque pice adstrinxit, quod acu traiecit aena,
 obsutum maenae torret in igne caput;
 uina quoque instillat: uini quodcumque relictum est,
 aut ipsa aut comites, plus tamen ipsa, bibit. 580
 'hostiles linguas inimicaque uinximus ora'
 dicit discedens ebriaque exit anus.
 protinus a nobis quae sit dea Muta requires:

disce per antiquos quae mihi nota senes.
 Iuppiter, inmodico Iuturnae uictus amore, 585
 multa tulit tanto non patienda deo:
 illa modo in siluis inter coryleta latebat,
 nunc in cognatas desiliebat aquas.
 conuocat hic nymphas, Latium quaecumque tenebant,
 et iacit in medio talia uerba choro: 590
 'inuidet ipsa sibi uitatque quod expedit illi
 uestra soror, summo iungere membra deo.
 consulite ambobus: nam quae mea magna uoluptas,
 utilitas uestrae magna sororis erit. 595
 uos illi in prima fugienti obsistite ripa,
 ne sua fluminea corpora mergat aqua.'
 dixerat; adnuerant nymphae Tiberinides omnes
 quaeque colunt thalamos, Ilia diua, tuos.
 forte fuit Nais, Lara nomine; prima sed illi
 dicta bis antiquum syllaba nomen erat, 600
 ex uitio positum. saepe illi dixerat Almo
 'nata, tene linguam': nec tamen illa tenet.
 quae simul ac tetigit Iuturnae stagna sororis,
 'effuge' ait 'ripas', dicta refertque Iouis.
 illa etiam Iunonem adiit, miserataque nuptas 605
 'Naida Iuturnam uir tuus' inquit 'amat.'
 Iuppiter intumuit, quaque est non usa modeste
 eripit huic linguam, Mercuriumque uocat:
 'duc hanc ad manes: locus ille silentibus aptus.
 nympa, sed infernae nympa paludis erit.' 610
 iussa Iouis fiunt. accepit lucus euntes:
 dicitur illa duci tum placuisse deo.
 uim parat hic, uoltu pro uerbis illa precatur,
 et frustra muto nititur ore loqui,
 fitque grauis geminosque parit, qui compita seruant 615
 et uigilant nostra semper in urbe Lares.
 Proxima cognati dixere Karistia kari,
 et uenit ad socios turba propinqua deos.
 scilicet a tumulis et qui periere propinquis
 protinus ad uiuos ora referre iuuat, 620
 postque tot amissos quicquid de sanguine restat
 aspicere et generis dinumerare gradus.
 innocui ueniant: procul hinc, procul impius esto
 frater et in partus mater acerba suos,
 cui pater est uiuax, qui matris digerit annos, 625
 quae premit inuisam socrus iniqua nurum.
 Tantalidae fratres absint et Iasonis uxor,
 et quae ruricolis semina tosta dedit,
 et soror et Procne Tereusque duabus iniquus
 et quicumque suas per scelus auget opes. 630
 dis generis date tura boni: Concordia fertur
 illa praecipue mitis adesse die;
 et libate dapes, ut, grati pignus honoris,

nutriat incinctos missa patella Lares.
iamque, ubi suadebit placidos nox umida somnos, 635
larga precaturi sumite uina manu,
et 'bene uos, bene te, patriae pater, optime Caesar'
dicite; suffuso sint bona uerba mero.

TER. NP

Nox ubi transierit, solito celebretur honore
separat indicio qui deus arua suo. 640

Termine, siue lapis siue es defossus in agro
stipes, ab antiquis tu quoque numen habes.
te duo diuersa domini de parte coronant,
binaque sarta tibi binaque liba ferunt.
ara fit: huc ignem curto fert rustica testo 645
sumptum de tepidis ipsa colona focus.

ligna senex minuit concisaque construit arte,
et solida ramos figere pugnat humo;
tum sicco primas inritat cortice flammis;
stat puer et manibus lata canistra tenet. 650

inde ubi ter fruges medios immisit in ignes,
porrigit incisos filia parua fauos.
uina tenent alii: libantur singula flammis;
spectant, et linguis candida turba fauet.

spargitur et caeso communis Terminus agno, 655
nec queritur lactans cum sibi porca datur.
conueniunt celebrantque dapes uicinia simplex
et cantant laudes, Termine sancte, tuas:

'tu populos urbesque et regna ingentia finis:
omnis erit sine te litigiosus ager. 660

nulla tibi ambitio est, nullo corrumperis auro,
legitima seruas credita rura fide.
si tu signasses olim Thyreatida terram,
corpora non leto missa trecenta forent,
nec foret Othryades congestis lectus in armis. 665

o quantum patriae sanguinis ille dedit!
quid, noua cum fierent Capitolia? nempe deorum
cuncta Ioui cessit turba locumque dedit;

Terminus, ut ueteres memorant, inuentus in aede
restitit et magno cum Ioue templa tenet. 670

nunc quoque, se supra ne quid nisi sidera cernat,
exiguum templi tecta foramen habent.

Termine, post illud leuitas tibi libera non est:
qua positus fueris in statione, mane;
nec tu uicino quicquam concede roganti, 675
ne uideare hominem praeposuisse Ioui:

et seu uomeribus seu tu pulsabere rastris,
clamato "tuus est hic ager, ille tuus".'

est uia quae populum Laurentes ducit in agros,
quondam Dardanio regna petita duci: 680

illa lanigeri pecoris tibi, Termine, fibris

sacra uidet fieri sextus ab Vrbe lapis.
gentibus est aliis tellus data limite certo:
Romanae spatium est Urbis et orbis idem.

REGIF. N

Nunc mihi dicenda est regis fuga. traxit ab illa 685
sextus ab extremo nomina mense dies.
ultima Tarquinius Romanae gentis habebat
regna, uir iniustus, fortis ad arma tamen.
ceperat hic alias, alias euerterat urbes,
et Gabios turpi fecerat arte suos. 690
namque trium minimus, proles manifesta Superbi,
in medios hostes nocte silente uenit.
nudarant gladios: 'occidite' dixit 'inermem:
hoc cupiant fratres Tarquiniusque pater,
qui mea crudeli lacerauit uerbere terga' 695
(dicere ut hoc posset, uerbera passus erat).
luna fuit: spectant iuuenem, gladiosque recondunt,
tergaque, deducta ueste, notata uident:
flent quoque, et ut secum tueatur bella precantur.
callidus ignaris adnuit ille uiris. 700
iamque potens misso genitorem appellat amico,
perdendi Gabios quod sibi monstret iter.
hortus odoratis suberat cultissimus herbis,
sectus humum riuo lene sonantis aquae:
illic Tarquinius mandata latentia nati 705
accipit, et uirga lilia summa metit.
nuntius ut rediit decussa que lilia dixit,
filius 'agnosco iussa parentis' ait.
nec mora, principibus caesis ex urbe Gabina,
traduntur ducibus moenia nuda suis. 710
ecce, nefas uisu, mediis altaribus anguis
exit et exstinctis ignibus exta rapit.
consulitur Phoebus. sors est ita reddita: 'matri
qui dederit princeps oscula, uictor erit.'
oscula quisque suae matri properata tulerunt, 715
non intellecto credula turba deo.
Brutus erat stulti sapiens imitator, ut esset
tutus ab insidiis, dire Superbe, tuis.
ille iacens pronus matri dedit oscula Terrae,
creditus offenso procubuisse pede. 720
cingitur interea Romanis Ardea signis,
et patitur longas obsidione moras.
dum uacat et metuunt hostes committere pugnam,
luditur in castris, otia miles agit.
Tarquinius iuuenis socios dapibusque meroque 725
accipit; ex illis rege creatus ait:
'dum nos sollicitos pigro tenet Ardea bello,
nec sinit ad patrios arma referre deos,
ecquid in officio torus est socialis? et ecquid

coniugibus nostris mutua cura sumus?'	730
quisque suam laudat: studiis certamina crescunt, et feruet multo linguaque corque mero.	
surgit cui dederat clarum Collatia nomen: 'non opus est uerbis, credite rebus' ait.	
'nox superest: tollamur equis Urbemque petamus'; dicta placent, frenis impediuntur equi.	735
pertulerant dominos. regalia protinus illi tecta petunt: custos in fore nullus erat.	
ecce nurum regis fuis per colla coronis inueniunt posito peruigilare mero.	740
inde cito passu petitur Lucretia, cuius ante torum calathi lanaque mollis erat.	
lumen ad exiguum famulae data pensa trahebant; inter quas tenui sic ait illa sono:	
'mittenda est domino (nunc, nunc properate, puellae) quamprimum nostra facta lacerna manu.	745
quid tamen auditis (nam plura audire potestis)? quantum de bello dicitur esse super?	
postmodo uicta cades: melioribus, Ardea, restas, improba, quae nostros cogis abesse uiros.	750
sint tantum reduces. sed enim temerarius ille est meus, et stricto qualibet ense ruit.	
mens abit et morior, quotiens pugnantis imago me subit, et gelidum pectora frigus habet.'	
desinit in lacrimas inceptaque fila remisit, in gremio uultum deposuitque suum.	755
hoc ipsum decuit: lacrimae decuere pudicam, et facies animo dignaque parque fuit.	
'pone metum, ueni' coniunx ait; illa reuixit, deque uiri collo dulce pependit onus.	760
interea iuuenis furiales regius ignes concipit, et caeco raptus amore furit.	
forma placet niueusque color flauisque capilli quique aderat nulla factus ab arte decor:	
uerba placent et uox et quod corrumpere non est; quoque minor spes est, hoc magis ille cupit.	765
iam dederat cantus lucis praenuntius ales, cum referunt iuuenes in sua castra pedem.	
carpitur attonitos absentis imagine sensus ille; recordanti plura magisque placent.	770
sic sedit, sic culta fuit, sic stamina neuit, iniectae collo sic iacuere comae,	
hos habuit uultus, haec illi uerba fuerunt, hic color, haec facies, hic decor oris erat.	
ut solet a magno fluctus languescere flatu, sed tamen a uento, qui fuit, unda tumet,	775
sic, quamuis aberat placitae praesentia formae, quem dederat praesens forma, manebat amor.	
ardet, et iniusti stimulis agitatus amoris	

comparat indigno uimque metumque toro. 780
 'exitus in dubio est: audebimus ultima' dixit:
 'uiderit! audentes forsque deusque iuuat.
 cepimus audendo Gabios quoque.' talia fatus
 ense latus cinxit tergaque pressit equi.
 accipit aerata iuuenem Collatia porta, 785
 condere iam uoltus sole parante suos.
 hostis ut hospes init penetralia Collatini:
 comiter excipitur; sanguine iunctus erat.
 quantum animis erroris inest! parat inscia rerum
 infelix epulas hostibus illa suis. 790
 functus erat dapibus: poscunt sua tempora somnum;
 nox erat, et tota lumina nulla domo.
 surgit et aurata uagina liberat ensem
 et uenit in thalamos, nupta pudica, tuos;
 utque torum pressit, 'ferrum, Lucretia, mecum est' 795
 natus ait regis, 'Tarquiniusque loquor.'
 illa nihil, neque enim uocem uiresque loquendi
 aut aliquid toto pectore mentis habet;
 sed tremit, ut quondam stabulis deprensa relictis
 parua sub infesto cum iacet agna lupo. 800
 quid faciat? pugnet? uincetur femina pugnans.
 clamet? at in dextra, qui uetet, ensis erat.
 effugiat? positus urgentur pectora palmis,
 tum primum externa pectora tacta manu.
 instat amans hostis precibus pretioque minisque: 805
 nec prece nec pretio nec mouet ille minis.
 'nil agis: eripiam' dixit 'per crimina uitam:
 falsus adulterii testis adulter ero:
 interimam famulum, cum quo deprensa fereris.'
 succubuit famae uicta puella metu. 810
 quid, uictor, gaudes? haec te uictoria perdet.
 heu quanto regnis nox stetit una tuis!
 iamque erat orta dies: passis sedet illa capillis,
 ut solet ad nati mater itura rogam,
 grandaeuumque patrem fido cum coniuge castris 815
 euocat: et posita uenit uterque mora.
 utque uident habitum, quae luctus causa, requirunt,
 cui paret exsequias, quoque sit icta malo.
 illa diu reticet pudibundaque celat amictu
 ora: fluunt lacrimae more perennis aquae. 820
 hinc pater, hinc coniunx lacrimas solantur et orant
 indicet et caeco flentque pauentque metu.
 ter conata loqui ter destitit, ausaque quarto
 non oculos ideo sustulit illa suos.
 'hoc quoque Tarquinio debebimus? eloquar' inquit, 825
 'eloquar infelix dedecus ipsa meum?'
 quaeque potest, narrat; restabant ultima: fleuit,
 et matronales erubuere genae.
 dant ueniam facto genitor coniunxque coactae:

'quam' dixit 'ueniam uos datis, ipsa nego.'	830
nec mora, celato fixit sua pectora ferro, et cadit in patrios sanguinolenta pedes.	
tum quoque iam moriens ne non procumbat honeste respicit: haec etiam cura cadentis erat.	
ecce super corpus, communia damna gementes, obliti decoris uirque paterque iacent.	835
Brutus adest, tandemque animo sua nomina fallit, fixaque semanimi corpore tela rapit, stillantemque tenens generoso sanguine cultrum edidit impuidos ore minante sonos:	840
'per tibi ego hunc iuro fortem castumque cruorem, perque tuos manes, qui mihi numen erunt, Tarquinius profuga poenas cum stirpe daturum. iam satis est uirtus dissimulata diu.'	
illa iacens ad uerba oculos sine lumine mouit, uisaque concussa dicta probare coma.	845
fertur in exsequias animi matrona uirilil et secum lacrimas inuidiamque trahit. uolnus inane patet: Brutus clamore Quirites conciat et regis facta nefanda refert.	850
Tarquinius cum prole fugit: capit annua consul iura: dies regnis illa suprema fuit.	
Fallimur, an ueris praenuntia uenit hirundo, nec metuit ne qua uersa recurrat hiems?	
saepe tamen, Procne, nimium properasse quereris, uirque tuo Tereus frigore laetus erit.	855
EQ. NP	
Iamque duae restant noctes de mense secundo, Marsque citos iunctis curribus urget equos; ex uero positum permansit Equirria nomen, quae deus in campo prospicit ipse suo.	860
iure uenis, Gradiue: locum tua tempora poscunt, signatusque tuo nomine mensis adest. uenimus in portum libro cum mense peracto. nauiget hinc alia iam mihi linter aqua.	

III. TRADUÇÃO: FASTOS – LIVRO 2

Janeiro chega ao fim: com o poema também cresce o ano. Assim como esse mês é o segundo, assim também esse livro é o segundo. Agora, acima de tudo, versos elegíacos, ide com velas maiores. Recentemente, recordo-me, éreis obra exígua (5). Eu próprio vos tive fáceis servos no amor, quando a primeira juventude brincou com suas cadências. Canto também os sagrados tempos assinalados nos fastos. E quem acreditaria existir, a partir de tais inícios, uma via para eles? Essa é minha milícia: carregamos as armas que podemos e nossa destra não se isenta de nenhuma espécie de dever (10). Se meus dardos não são lançados por braço vigoroso, nem é o dorso do cavalo pelejador por mim pressionado, nem me protejo com elmo, nem me cinjo com aguda espada, (qualquer um pode ser hábil com essas armas), de nossa parte, César (15), prosseguimos com dedicado ânimo e passamos o teu nome por teus títulos. Sê, portanto, presente, e com plácido semblante olha um pouco meu ofício, se te encontras um tanto livre da pacificação do inimigo.

Os antigos romanos chamavam de *februa*⁴³ as expiações. Ainda hoje muitos indícios confirmam a palavra (20). Os pontífices pedem ao rei e ao flâmine lã⁴⁴, que se chamava *februa* na linguagem dos antigos. E as purgações com farinha torrada e grãos de sal que o lictor⁴⁵ pega nas casas determinadas⁴⁶ são assim chamadas. O mesmo nome é dado ao ramo, que, cortado de pura árvore (25), em coroa cobre as castas fontes

⁴³ Februa...februm, sabrini purgamentum, Varrão, Ling. Lat. VI, 13

⁴⁴ *Rex Sacrorum* (rei dos ritos sacros), que celebrava com sua esposa (regina sacrorum) numerosos ritos que julgavam remontar aos reis de Roma. *Flamen* (Flâmine) Os flâmines celebram o culto e torram presente o deus que representam.

⁴⁵ *Lictor. Flaminius Lictor* (Festus pág. 82 L.) deve tratar-se aqui de um lictor da corporação dos *lictos* *qui sacris publicis adparent*

⁴⁶ Domus regi sacrificuli

dos sacerdotes. Eu próprio vi a flamínica⁴⁷ pedindo *februa*, à que pedia *februa* uma vergôntea de pinheiro foi dada. Finalmente, tudo aquilo por meio do qual se possa purificar nosso corpo tinha esse nome entre nossos intonsos antepassados (30). Por essas razões o mês é chamado *fevereiro*⁴⁸, pois os lupercos⁴⁹, com pele cortada, percorrem todo o solo e consideram isso expiação; ou porque, aplacados os sepulcros, os tempos se encontrem puros quando então transcorrem os dias das *Feralia*⁵⁰.

Os nossos antepassados criam que todo nefas e toda causa de mal (35) podiam ser eliminados pela purificação. A Grécia deu o começo desse hábito: ela acreditava que os culpados libertam-se de suas ações ímpias depois de purificados. Peleu⁵¹ livrou o neto de Actor, e Acasto igualmente livrou o próprio Peleu pela morte de Foco por meio das águas hemônicas (40). O crédulo Egeu protege a Fácida trazida no ar por dragões atrelados com imerecida ajuda⁵². O filho de Anfiarau disse ao Aqueloa, rio de Naupacto: “Absolve-me do crime”, e ele o absolveu do crime.⁵³ Ah, sois por demais ingênuos, vós credes que a água fluvial pode eliminar os tristes crimes de sangue!(45)

⁴⁷ A *flamínica Dialis* é ligada por casamento indissolúvel ao *flamen Dialis*, e se ela vier a falecer ele terá que renunciar a suas funções. (Aulo-Gélio 10, 15, 23)

⁴⁸ De *februarius*. Para Varrão (L.L. 6, 13), *februa* é de origem sabina, “*februum Sabini purgamentum*”. A palavra não tem etimologia indo-européia (Ernout-Meillet).

⁴⁹ Os Lupercos faziam parte de um corporação encarregada da celebração dos ritos lupercais (15 de fevereiro) que compreendiam o sacrifício de um bode e de um cachorro a Fauno, seguido de uma corrida de padres vestidos com uma pele de bode em torno do Paltino.

⁵⁰ As Ferálias, 21 de fevereiro, encerram o ciclo dos *dies parentales* que começaram em 13 de fevereiro. Ver F. 2 533-570

⁵¹ Pátroclo, neto de Actor, matou Clitónimo, filho de Anfidamante. Foi forçado ao exílio e recolhido por Peleu que o purificou do crime e o deu como companheiro a seu filho Aquiles. Peleu, por sua vez, junto com seu irmão Télamon, matou seu meio-irmão Foco. Perseguido por seu pai, refugia-se na Ftia na Tessália com Eurícion, filho de Actor, que o purifica. Peleu casa-se com Antígona, filha de Eurícion. Ao participar de uma caçada junto com o sogro, o mata involuntariamente. Refugia-se então em Iolco, na corte de Acasto que o purifica.

⁵² Fácida designa Medeia originária da Fócida onde corre o Fosse. Medeia chega a Atenas, depois de ter matado os próprios filhos, num carro puxado por dragões, através dos ares.

⁵³ Alcmeón, filho do adivinho Anfiarau. Depois de matar sua mãe, para vingar a morte do pai, foi perseguido pelas Erinias vingadoras. Dirigiu-se para Psófis e foi purificado por Fegeu que lhe deu a filha, Arsínoe, em casamento. A região de Psófis foi atingida pela esterilidade, e o oráculo ordenou que Alcmeón se fizesse de novo purificar, desta vez pelo deus-rio Aqueloa.

Entretanto, para que não te enganes, ignorando a antiga ordem, o mês de Jano também antes foi o primeiro, como é hoje. O que se segue a Jano era o último do antigo ano⁵⁴. Tu, também, Término, eras o fim das festividades sacras⁵⁵ (50). Pois o primeiro é o mês de Jano porque a porta é a primeira⁵⁶. O que é sagrado aos extremos manes era o extremo⁵⁷. Depois, acredita-se que os decênviros reuniram os tempos que estavam afastados por grande espaço⁵⁸.

Calendas de fevereiro, dias nefastos

No começo do mês, Juno Sóspita, vizinha da Mãe Frígia⁵⁹ (55), dizem, foi agraciada com um templo novo. Agora onde estão os sagrados templos da deusa que são sagrados nas Calendas? Os longos dias os fizeram jazer por terra; para que os demais não caíssem desmoronando em semelhante ruína, cuidou o providencial zelo do sagrado soberano⁶⁰(60), sob o qual nenhuma deterioração foi sentida nos templos. Não é o bastante ter obrigações para com os homens, ele tem obrigações para com os deuses. Fundador de templos, santo restaurador de templos, eu desejo que os súperos tenham cuidados recíprocos contigo. Que os celestes te concedam os anos que tu concedes a eles (65) e que permaneçam de sentinela diante de tua morada. Esse é o dia em que o bosque do vizinho Halerno também é freqüentado, por onde o Tibre, vindo do estrangeiro, busca as águas do mar. No santuário de Numa e no do Tonante, no Capitólio, e no alto da cidadela de Júpiter uma ovelha é imolada (70).

⁵⁴ Ver Introdução pág. XIII nota 10.

⁵⁵ As Terminália de 23 de fevereiro marcam o fim do ano litúrgico antigo.

⁵⁶ Porta = ianua

⁵⁷ Alusão a fevereiro que também contém a festa fúnebre das Ferália no dia 21.

⁵⁸ Por terem passado a fazer parte do começo do ano.

⁵⁹ Todas as Calendas estão sob a proteção de Juno e de Jano.

⁶⁰ Augusto, que em seu testamento, “Res Gestae, 20, 4 ed. Gagé, pg. 112, afirma ter construído 82 templos, deixando em cada monumento o nome de seu fundador.

Muitas vezes o éter, coberto de nuvens, provoca pesadas chuvas, ou a terra se esconde sob a neve acumulada. Quando o Titã pronto para mergulhar nas ondas hespérias⁶¹ tira os arreios brilhantes dos púrpuros cavalos, naquela noite, elevando os olhos para os astros (75) alguém dirá: “Onde está a Lira que ontem brilhava?” E, enquanto procurar a Lira, perceberá também as costas do Leão, metade subitamente mergulhado nas límpidas águas. O Delfim, incrustado de estrelas, que até então observavas, na noite seguinte escapará de tua visão (80): seja porque ele foi feliz mensageiro de amores ocultos, seja porque ele carregou a liralésbia com seu senhor⁶². Que mar não o conheceu, que terra desconhece Aríon? Ele com seu canto retinha as águas correntes. Com sua voz muitas vezes o lobo foi retido ao seguir a cordeira (85), muitas vezes a cordeira parou de correr enquanto fugia do ávido lobo, muitas vezes os cães e as lebres repousavam sob uma e mesma sombra, e a corça permaneceu no rochedo próxima à leoa, e sem litígio a loquaz gralha conviveu com a ave de Palas⁶³ e a pomba ficou junto com o falcão (90). Conta-se, sonoro Aríon, que muita vez Cíntia foi enlevada por tuas cadências, como se fosse pelo irmão dela⁶⁴. O nome de Aríon enchera as ondas sículas e com os sons da lira seduziu os litorais da Ausônia. Depois Aríon subiu no barco para voltar para casa (95), mas ele também carregava riquezas adquiridas com sua arte. Talvez, desgraçado, temesses os ventos e as águas: mas para ti o mar era mais seguro que teu navio. O timoneiro parou desembainhando a espada, e a restante tripulação foi cúmplice e de mãos armadas (100). O que tens tu com o gládio? Marujo,

⁶¹ Hélio, o sol, pertence à geração dos Titãs, por isso anterior aos olímpicos. Era representado como um jovem de grande beleza com cabeça circundada por raios que formavam uma espécie de cabeleira de ouro. Percorria o céu diariamente num carro puxado por cavalos rapidíssimos e chega ao oceano (do lado ocidental) onde seus cavalos fatigados se banham.

⁶² Há duas versões que explicam a metamorfose do delfim ou golfinho. A primeira relata como Anfitrite, rainha do Mar, a que rodeia o mundo. Faz parte das do grupo da filhas de Nereu e Dóris, as Nereides. Posídon apaixonou-se por ela, mas a jovem, por pudor, ela se lhe recusou e escondeu-se nas profundezas do Oceano. Reencontrada pelos Delfins, foi conduzida por estes em grande cortejo até Posídon que a desposou.

⁶³ Ave de Palas. A sábia coruja opondo-se à gralha faladeira

⁶⁴ Cíntia, o mesmo que Diana, venerada no monte Cinto, seu irmão é Apolo.

controla teu desgovernado barco: não são essas as armas que teus dedos devem segurar. Ele, possuído pelo medo, “não suplico que não me matem”, diz, “mas permita que tomando minha lira eu narre algumas canções”. Dão a permissão e riem da demora; ele toma a coroa (105), que possa, Febo, ornar teus cabelos. Cobriu-se com o manto duplamente tingido com a púrpura de Tiro; a corda vibrada com o polegar produziu seus sons, assim como quando o cisne canta com versos lacrimosos quando tem trespasada sua alva têmpera por dura flecha (110). E, em seguida, lança-se assim ornado em meio às ondas; o cerúleo barco é molhado com o impulso da água. E disso dizem (é mais do que se pode crer) que um golfinho de dorso curvado colocou-se sob esse novo peso. Ele, sentando e tomando a lira, canta para pagar o preço do transporte, e com a poesia acalma as águas do mar (115). Os deuses estão atentos aos pios feitos: Júpiter recebe o golfinho entre os astros e ordena que tenha nove estrelas.

Nonas, dia nefasto de festas públicas

Eu gostaria, Meônio⁶⁵, de que houvesse agora em mim mil sons, bem como teu talento com o qual Aquiles foi cantado (120), enquanto canto em versos alternados as sacras Nonas⁶⁶: essa máxima honra é cumulada pelos fastos. Meu talento é fraco e algo maior se impõe às minhas forças. Esse dia há de ser cantado por mim com a melhor expressão. Por que quis eu, demente, impor tanto de peso à importância da elegia? (121) Esse assunto era próprio do pé heróico⁶⁷. Santo pai da pátria⁶⁸, a ti a plebe, a ti a cúria deu esse nome; e nós, eqüestres, te damos esse nome. No entanto, antes, teus feitos te deram esse nome: igualmente tarde carregaste as verdadeiras glórias, bem antes já eras pai do mundo (130). Tu tens na terra o nome que Júpiter tem no alto éter: tu, pai dos homens, ele, dos deuses. Rômulo, perderás teu lugar: Augusto, defendendo, faz

⁶⁵ Homero.

⁶⁶ Oposição entre os dísticos elegíacos e o verso heróico próprio da épica.

grandes as muralhas, ao passo que tu as deste a Remo para que fossem transpostas; reconheceram-te Tácio, os pequenos curos e Cenina⁶⁹ (135), sendo Augusto o chefe, um e outro lado do sol é romano; tu tinhas um pouco, não sei quanto, de terras conquistadas, o que quer que esteja sob o elevado Júpiter César tem; tu raptas esposas, ele ordena que elas sejam castas sob seu governo⁷⁰; tu acolhes o crime no bosque, ele os repele⁷¹(140); a violência é que te agrada, sob César as leis é que florescem; tu sustentas o nome de senhor, ele o de *princeps*⁷²; Remo te incrimina, ele concedeu o perdão aos inimigos; o pai te fez celeste, Augusto fez o pai celeste.⁷³

Já o jovem Ideu eleva-se até a metade (145) e derrama as águas límpidas misturadas com néctar. Eis também que, se alguém costumava tremer ante Bóreas⁷⁴, alegre-se: chega uma brisa mais branda da parte de Zéfiro.⁷⁵ Pela quinta vez Lúcifer⁷⁶ elevou seu disco brilhante das ondas do mar, e chegarão os tempos do começo da primavera (150). Entretanto, para que não te enganes, restam para ti épocas frias, e o inverno afastando-se deixou grandes marcas. Chegue a terceira noite, perceberás que o guardião da Ursa mostrou os dois pés. Entre as Hamadríades e Diana caçadora, (155) Calisto fazia parte do sacro coro. Ela tangendo o arco da deusa, “ó arcos que tangemos, sede testemunhas de minha virgindade”, diz. Cíntia exaltou: “Mantém os laços prometidos e serás para mim a principal das companheiras” (160). Ela manteria os laços se não fosse formosa. Ela acautelou-se com os mortais, incriminou-se por causa de

⁶⁷ Épica .

⁶⁸ Título outorgado a Augusto

⁶⁹ Tácio, rei da pequena cidade sabina de cures, primeiro foi adversário, depois associou-se a Rômulo. Cenina, pequena cidade do Lácio, com seu rei Acro revoltou-se contra Roma após o rapto da Sabinas. Rômulo a venceu. Tito-Lívio 1,10.

⁷⁰ Ao rapto das Sabinas Ovídio opõe as leis que Augusto fez promulgar para favorecer o casamento, (*lex Iulia de maritandis ordinibus*) e para reprimir o adultério, (*lex Iulia de adulteriis coercendis*), que foram completadas em 9 a.C. pela *lex Pappia Poppaea nuptialis*.

⁷¹ Referência ao *asylum* aberto por Rômulo entre os dois topos do Capitólio. Tito-lívio 1, 8,5.

⁷² Augusto nas *Res Gestae*, 13 se denomina *princeps*.

⁷³ Divinização de Júlio César.

⁷⁴ Vento do norte.

⁷⁵ Vento que sopra do ocidente, qualquer vento.

Júpiter. Tendo caçado mil feras na floresta, Febe⁷⁷ voltava com o sol marcando meio dia ou mais; assim que alcançou o bosque sagrado (o bosque era denso pelas azinheiras, no centro havia uma fonte alta de gélida água); (165) ela diz: “Aqui na floresta, virgem Tegéia⁷⁸, banhemo-nos!” Calisto corou ouvindo a palavra “virgem”. Ela referira-se também às ninfas. Elas tiram as vestes, Calisto envergonha-se disso e atrasando-se demonstra mau sinal. (170) Ao despír as túnicas ela própria se traiu denunciada pelo inchaço do ventre, indício da gravidez. A deusa Ihe falou: “Perjura, filha de Licáon, abandona as reuniões das virgens e não poluas as castas águas!” A lua preencherá por dez vezes seu renovado disco com seus cornos⁷⁹ (175): a que fora acreditada virgem era mãe. Ultrajada, Juno enlouquece e muda a aparência da jovem. Que fazes? Foi contra a vontade que ela se submeteu a Júpiter. E, quando Juno vê o torpe rosto de fera na amante, diz: “Júpiter, corre agora aos braços dela!” (180) Esquálida errava pelos selvagens montes a urso, que fora, há pouco, amada pelo supremo Júpiter. A criança concebida furtivamente contava já três lustros⁸⁰ quando a mãe foi ao encontro do filho. Ela, na verdade, como conhecesse o filho, parou perturbada (185) e gemeu: os gemidos eram as palavras de mãe. O menino, sem reconhecê-la, tê-la-ia trespassado com pontiaguda lança, se não fossem ambos arrebatados às moradas celestes. Suas constelações brilham próximas. Primeiro está a que chamamos Árcton⁸¹, Arctófilax⁸² parece seguir suas costas (190). A Satúrnia⁸³ se enfurece a tal ponto que pede à branca Tétis que não lave e não toque com suas águas Árcton do Mênalo⁸⁴.

⁷⁶ A estrela da manhã.

⁷⁷ Febe, a Lua, Diana.

⁷⁸ Calisto.

⁷⁹ Os dez meses lunares que completam uma gestação.

⁸⁰ O lustro se repete a cada cinco anos.

⁸¹ Ursa

⁸² Boieiro

⁸³ Juno.

⁸⁴ Maneira poética de afirmar a visibilidade permanente da constelação no horizonte.

*Idos, dia nefasto de festas públicas*⁸⁵

Nos Idos os altares de Fauno agreste soltam fumaça, ali onde a ilha separa as águas em duas partes. Aquele foi o dia no qual os trezentos e seis Fábios pereceram sob os exércitos veientes⁸⁶ (195). Uma só casa encarregara-se dos homens e do ônus da Urbe. As mãos de uma só família assumem as armas pelas quais se comprometeram. O nobre soldado sai do mesmo acampamento do qual, quem quer que fosse, era digno de tornar-se um chefe (200). À direita do templo de Jano, há uma via próxima à porta de Carmenta. Não queiras passar por ela, quem quer que sejas: há um presságio. Diz-se que, por ela, trezentos Fábios saíram. Apesar de a porta estar isenta de culpa, o presságio persiste. Logo que eles, em passo acelerado, atingiram o voraz Crêmera⁸⁷ (205) (agitado ele transbordava devido às águas invernais), acamparam no local. Desembainhando as próprias espadas, seguem, pelo vigoroso Marte, através das tropas tirrenas, semelhantes aos leões dos povos líbios quando atacam o gado disperso pelos vastos campos (210). Os inimigos fogem e sofrem vergonhosos ferimentos nas costas⁸⁸: a terra se enrubesce pelo sangue tusco. Assim novamente, e ainda outra vez, eles morrem; onde não é possível vencer abertamente eles preparam emboscadas escondendo soldados. Havia uma planície cujas extremidades eram fechadas por colinas (215) e por uma floresta boa para ocultar feras monteses. No meio deixam alguns homens e gado espalhado; a tropa restante apartada oculta-se nas moitas. Eis que, como uma torrente aumentada por águas pluviais ou por neve que derrete vencida pelo tépido Zéfiro, a qual se lança por searas e caminhos, (220) e não, como antes costumava, contém suas águas pelo contorno de suas margens, assim os Fábios enchem o vale em

⁸⁵ Dia 13. Quanto à expressão NP confira Introdução pág. XVI e XVII.

⁸⁶ Tito-Lívio 6, 1,11 e 2, 48-50.

⁸⁷ Rio da Etrúria, afluente do Tibre.

⁸⁸ Ferimentos nas costas é sinônimo de covardia.

diferentes direções, e o que vêem eles derrubam, e não há temor algum neles⁸⁹. Para onde vós, valorosa estirpe, vos precipitais? Pouco credes no inimigo. (225) Ingênua nobreza, acautelai-vos contra a pérfida lança! A virtude desaparece com o embuste, e de toda parte precipitam-se os inimigos em campo aberto, e ocupam todos os lados. O que podem fazer uns poucos bravos contra tantos milhares? Ou que socorro subsiste num momento tão mísero? (230) Assim como o javali perseguido ao longe na floresta pelos latidos dispersa os céleres cães com sua voraz boca, embora ele mesmo logo pereça, assim também eles não morrem sem se vingarem: alternando as mãos eles dão e recebem golpes. Um único dia enviara todos os Fábios para a guerra, (235) um único dia causou a perda de seus enviados à guerra. No entanto, para que a descendência de Hércules⁹⁰ sobrevivesse, acredita-se que os próprios deuses encarregaram-se. Pois um menino impúbere e ainda não útil para as armas, único da família Fábica, fora poupado; (240) para que naturalmente tu, Máximo, pudesses um dia nascer, tu, por quem a situação haveria de ser reparada com a espera do melhor momento.⁹¹

No mesmo espaço, três constelações, o Corvo e a Serpente, uma ao lado da outra, e no meio, entre ambas, se esconde a Taça. Nos Idos lá elas se escondem, e surgem na noite seguinte (245). Cantar-te-ei por que as três são tão unidas. Casualmente Febo preparava uma grande festa para Júpiter (nossa história não terá longas demoras): “Vai, minha ave”, disse, “para que nada retarde os pios sacrifícios, e traze-me a límpida água de viva fonte” (250). O corvo leva em suas garras recurvadas uma dourada cratera e voa alto através do caminho aéreo. Erguia-se uma figueira coberta de frutos ainda verdes; com o bico a ave experimenta: não estava bom para colher. Não se lembrando

⁸⁹ Sobre a *gens Fábica*, cf. Fastos. I, 605.

⁹⁰ Ovídio defende a descendência dos Fábios de Hércules, proveniente de Vétrio Flaco (Festus pág. 77 L.) ... *quod princeps gentis eius ex ea natus sit cum qua Hercules in fouea concubuit*. Ascendência também registrada por Plutarco (Fab. Max. 1, 1)

da ordem recebida, dizem que a ave sentou-se sob a árvore até que, depois de longo tempo (255), os frutos se tornassem doces. E, já saciada, pega uma longa serpente com as negras úngulas, volta ao senhor e diz estas fingidas palavras: “Eis a razão de minha demora, o interceptador das vívidas águas; ele se apossou das fontes e impediu meu trabalho”. (260) Febo diz: “acrescentas mentiras a tua culpa e ousas querer enganar com palavras o deus fatídico? Mas enquanto o leitoso figo estiver preso à árvore, de fonte alguma as gélidas águas beberás”. Disse, e como perenes recordações do antigo feito, (265) as constelações da Serpente, do Corvo e da Taça brilham juntas.

*Lupercais, dia nefasto de festas públicas*⁹²

A terceira Aurora após os Idos observa os nus Lupercos, e chegam os ritos dos bicornes Faunos. Dizei, Piérides, qual é a origem dos ritos, e dizei de onde parte essa origem buscada até chegar às casas do Lácio. (270) Dizem que os antigos arcádios cultuavam Pan, deus do gado; ele era muito presente, principalmente nas montanhas da Arcádia. Fóloe⁹³ será testemunha, serão testemunhas as ondas do Estínfalo⁹⁴ e o Ladão⁹⁵, que com suas águas rápidas corre para o mar, os bosques montanhosos do Nonácris cingidos de pinheirais, (275) a alta Trícrene⁹⁶ e as neves do Parrásio⁹⁷. Pan era divindade dos rebanhos, protetor dos eqüinos, ele recebia oferendas em troca de preservar as ovelhas. Evandro⁹⁸ transportou consigo as divindades

⁹¹ Quintus Fabius Máximos, adversário de Aníbal, denominado *cunctator*, porque após o desastre de Trasimênio (217 a.C.) restabeleceu a situação protelando. C. ênio, Na. 360 W. (*Unus homo nobis cunctando retituit rem*).

⁹² Dia 15.

⁹³ Montanha situada entre a Elida e a Arcádia.

⁹⁴ O lago e a cidade de Estínfalo estão ao norte da Arcádia.

⁹⁵ O Ladão, no tempo de Ovídio era afluente direito do Alfeu.

⁹⁶ Nonácris designa um antigo lugar arcadiano. Trícene é provavelmente uma montanha da Arcádia próximo ao Estínfalo.

⁹⁷ Parrásia, cf. Fastos I, 478

⁹⁸ Herói originário da Arcádia, fundador do Palanteu, a povoação instalada no Palatino, local onde mais tarde Rômulo fundaria Roma. Foi bem acolhido pelo rei dos aborígenes, Fauno. Governou com justiça e trouxe civilização aos habitantes da região. Ensinou-lhes a arte da escrita e da música. A ele é atribuída a

silvestres: aqui onde agora é Roma era o local de sua cidade⁹⁹. (280) Desde então cultuamos esse deus e os ritos trazidos dos pelasgos¹⁰⁰. Por um antigo costume, o *Flamen Dialis*¹⁰¹ era o que presidia os ritos. Portanto, perguntas por que eles correm e por que (assim é o costume correr) mostram o corpo nu tirando suas vestes. O próprio deus alegra-se em veloz correr sobre os altos (285) montes, e ele próprio perpetua súbitas fugas¹⁰². O próprio deus, nu, ordena que seus ministros fiquem nus; e não será bastante cômodo estar com roupas para correr. Dizem que antes do nascimento de Júpiter os árcades já habitavam suas terras e que seu povo é anterior à Lua¹⁰³. (290) Sua existência era semelhante à das feras, vivida sem necessidades, e até então o povo era rude e isento de técnicas. Em lugar de casas, conheciam folhagens; em lugar de cereais, plantas silvestres; seu néctar era a água sorvida nas palmas das mãos. Nenhum touro resfolegava sob o adunco arado. (295) Nenhuma terra estava sob o domínio de um cultivador. Até então não se fazia uso do cavalo: cada qual se carregava. A ovelha seguia com o corpo coberto por sua própria lã. Viviam no sereno e tinham os corpos nus capazes de suportar pesadas chuvas e o Noto¹⁰⁴. (300) Até hoje eles, sem roupa, trazem a lembrança do antigo costume e testemunham antigos expedientes. Mas conta-se uma fábula cheia do humor antigo, segundo a qual se diz a principal razão pela qual Fauno evita a roupa. Casualmente, o jovem de Tirinto¹⁰⁵ acompanhava sua senhora: (305) um Fauno do alto do morro viu os dois. Viu e apaixonou-se: “Divindades da montanha”, disse, “nada tenho convosco, este será meu ardor”. A meônida¹⁰⁶ seguia com os ombros

introdução de diversos cultos arcádicos: o de Ceres, o de Netuno, e, sobretudo o de Pã Lício, em honra do qual instituiu a festa das Lupercais.

⁹⁹ Cf. nota anterior.

¹⁰⁰ Aqui é empregado com sinônimo de gregos.

¹⁰¹ A presença do *flamen dialis* nas Lupercais é atestada apenas por Ovídio. (Plutarco, Q.R. 111)

¹⁰² Fuga provocada pelo “medo pânico”

¹⁰³ Fastos .I, 469

¹⁰⁴ Vento do sul.

¹⁰⁵ Heracles após matar Ífito, foi vendido, por ordem do oráculo de Delfos, (Apolodoro, 2,6,3 s.) à rainha da Lídia, Ônfale.

¹⁰⁶ Ônfale.

cobertos de seus perfumados cabelos, admirável em seu vestido bordado a ouro. (310) Uma sombrinha dourada afastava os calores do sol, embora hercúleas mãos a sustentassem. Já ela chegava aos bosques de Baco e às vinhas do Tmolo¹⁰⁷, e já Vésper vinha em seu escuro cavalo. Ela adentrou o antro de teto esculpido a tufo e pedra pomes (315); havia bem na entrada um riacho cantante. Enquanto os servos preparavam a refeição e o vinho que seria bebido, ela garante Alcides com seus enfeites. Dá suas delicadas túnicas tingidas com o múrice da Getúlia¹⁰⁸, dá seu cinto arredondado com o qual até então estava cingida. (320) O cinto era menor que o ventre; ele afrouxa os nós da túnica para que possa tirar as grandes mãos; quebrou os braceletes que não foram feitos para tais braços, os grandes pés quebraram os pequenos laços das sandálias. Ela própria toma a pesada clava, o espólio do leão (325), e os dardos menores guardados na aljava. Assim usufruem da refeição, assim entregam seu corpo ao sono e deitam-se em camas separadas postas lado a lado: a razão para tal é que preparavam, ao inventor da vinha, cerimônias que deveriam cumprir em pureza ao raiar do dia. (330) Era transcorrida metade da noite. O que um amor lascivo não ousa? Através das trevas, o Fauno adentra a gruta orvalhada; como vê os companheiros entorpecidos pelo vinho, tem a esperança de que os senhores também estejam adormecidos. Entra e, atrevido e libertino, perambula de um lado para o outro, (335) mostra ter mãos cautelosas e avança. Ele estava para ser bem sucedido; chegara ao quarto do leito tão cobiçado quando ele tocou as cerdas hirsutas do fulvo leão, ele teve grande medo, razão por que suspendeu a mão, (340) e atônito pelo medo voltou, como amiúde o viajante recolhe o pé, assustado ao ver uma serpente. Depois ele toca as delicadas cobertas do leito que estava ao lado e engana-se com um indício traiçoeiro: sobe, deita-se no leito que lhe

¹⁰⁷ As vinhas do Tmolo na Lídia eram célebres pelo vinho e pelo culto a Dioniso.

¹⁰⁸ Púrpura produzida pelos getulos, ancestrais dos modernos tuaregues que viviam ao sul da Númia e da Mauritânia (Plínio, N.H. 5, 12; 6, 201). O que é irônico, já que a púrpura de Tiro era mais valiosa. (cf. F. 2, 107 e Virgílio, G. 3, 307).

estava mais próximo, e seu membro intumescido estava mais duro que um chifre; enquanto isso ele levanta as túnicas pela extremidade de baixo (345) e as ásperas pernas se eriçaram com os densos pelos. Súbito o herói de Tirinto¹⁰⁹ o repeliu enquanto ele tentava o resto: o Fauno cai do alto da cama. Ocorre um barulho, a meônida grita por suas companheiras e pede por luz; (350) trazidos os fachos, desvendam-se os acontecimentos. Lançado violentamente do alto do leito ele geme e mal levanta seu corpo do chão duro. Alcides ri e riem aqueles que o viram deitado. A jovem lídia ri de seu amante. O deus, enganado pela roupa, não ama as vestimentas que enganam seus olhos, e invoca nus para seus ritos. (355)

Acrescenta, minha Musa, razões latinas às estrangeiras, e que meu cavalo corra em sua própria poeira¹¹⁰. Imolada uma cabrita, de acordo com o costume, ao cornípede Fauno, chega convidada uma turba para a modesta refeição. (360) E enquanto os sacerdotes preparam as entranhas transpassando-as em espetos de salgueiro, o sol estando a meio caminho, Rômulo, seu irmão e os jovens pastores ofereciam seus corpos nus ao campo e aos sóis. Com cestos, com dardos e com o arremesso de pesadas pedras, (365) ofereciam os braços ao exercício dos jogos. Do alto um pastor disse: “Rômulo e Remo, os ladrões estão levando o gado pelos desvios do campo”. Armarem-se era demorado: ambos partem em direções opostas; vindo na direção de Remo a presa é recuperada. (370) Ao voltar, puxa as entranhas que estalavam nos espetos e diz: “Certamente apenas o vencedor comerá essas partes.” Dito e feito, e os Fábios¹¹¹ fazem o mesmo. Rômulo chega ali frustrado e vê as mesas e os ossos descarnados. Riu-se e lamentou que os Fábios tivessem podido (375) vencer e que seus Quintílios¹¹² não. A

¹⁰⁹ Hércules.

¹¹⁰ Forma poética de expressar a vontade de relatar a cultura nacional.

¹¹¹ A confraria dos Lupercos fabianos eram ligados a Remo.

¹¹² Os lupercos quintilianos eram ligados a Rômulo. (Cf. Paulus-Festua pág. 78 L).

fama desse feito permanece: depois de tirar seus trajes, correm, e o que terminou bem alcança uma reputação memorável.

Talvez também perguntes por que esse local é o Lupercal¹¹³ ou por que razão chama-se esse dia por tal nome. (380) A vestal *Silvia* dera à luz sementes celestes, enquanto seu tio reinava. Ele ordena que os pequenos sejam levados ao rio e sejam mortos. Que fazes? Um desses será *Rômulo*! Os escravos, embora relutantes, cumprem as lastimáveis ordens; (385) choram, mas levam os gêmeos para o local ordenado. *Ábula*, que recebeu de *Tiberino* mergulhado em suas águas o nome de *Tibre*,¹¹⁴ aconteceu de estar cheio por causa das águas invernais. Aqui onde agora estão os foros e no lugar em que se estendem os teus vales, *Círculo Máximo*, vias circularem as canoas. (390) No local aonde chegaram (pois não podiam prosseguir mais) um e outro diz: “Mas como são parecidos! E como são belos! No entanto, dos dois, esse tem mais vigor. Se a origem manifesta-se pelo rosto e se a aparência não engana, (395) não sei ao certo quem, mas suspeito que em vós há algum deus. Mas se algum deus fosse autor de vossa origem, ele ofereceria auxílio num momento tão difícil; vossa mãe certamente vos traria auxílio, se ela não precisasse dele, ela que num único dia se fez mãe e perdeu seus filhos. (400) Ao mesmo tempo nascidos, ao mesmo tempo destinados, ao mesmo tempo sob as ondas ide, corpos.” Ele acabara e em seguida do seio depôs os meninos. Ambos vagiram juntos: julgarias que eles tinham compreendido. Os escravos voltaram para sua casa com o rosto úmido. O bojo de uma arca os sustém sobre as águas, (405) nela colocados. Ai! Quanto de fardo carregou o pequeno lenho! A arca aportou junto a sombria vegetação em meio ao lodo, e pouco a pouco se assenta enquanto o rio baixa. Havia uma árvore – seus vestígios ainda subsistem – que agora é chamada *figueira*

¹¹³ Lupercal é o nome da gruta situada ao pé do Palatino. Foi lá que considera-se que a loba amamentou *Rômulo* e *Remo*. Lupercalis é o nome oficial da festa (Paulus-Festus, p. 75 L.).

ruminal,¹¹⁵ era a figueira de Rômulo. (410) Uma loba que deu à luz chega, feito admirável, aos gêmeos expostos. Quem acreditaria que a fera não fez mal às crianças? Não só não fez mal como também lhes foi útil. Os que a loba nutre, mãos de mesmo sangue tentaram destruir. Ela parou, com o rabo acaricia os tenros bebês (415) e com a língua afaga os dois corpos. Reconhecerias serem filhos de Marte: não houve temor. Eles mamam e são alimentados pelo vigor do leite que não lhes era destinado. Ela deu seu nome ao local, o mesmo local o deu aos luperkos: a nutriz recebe grande recompensa pelo leite doado. (420)

O que impede os luperkos de serem chamados em razão do monte Arcádio? O fauno recebe, com o nome de Liceu, um templo na Arcádia. Jovem esposa, o que esperas? Não serás mãe nem com ervas poderosas nem com preces nem com fórmulas mágicas. Paciente, sofras os açoites da destra mão, (425) e já teu sogro terá o desejado nome de avô. Pois esse foi o tempo em que, por cruel sorte, as esposas concebiam raros filhos em seus úteros. “De que me serve ter raptado as sabinas”, clamava Rômulo (isso se deu quando ele detinha o cetro). (430) “Se minha injúria criou guerras e não poderes, teria sido mais útil não ter tido noras”. Perto do monte Esquilino havia um bosque não cortado por muitos anos, em honra da grande Juno. Quando aí chegam igualmente marido e esposa, (435) ajoelham-se em súplica, quando subitamente os cumes dos agitados arvoredos tremeram, e a admirável deusa por seus bosques vaticinou: “Que o sagrado bode penetre as itálicas mães.” O grupo aterrorizado atordoou-se em razão das dúbias palavras. (440) Havia um águre, seu nome perdeu-se ao longo dos anos, que recentemente chegara exilado da terra etrusca. Ele sacrifica um

¹¹⁴ Cf. Paulus-Festus, p. 4 L. : *Albula Tiberis fluius dictus esta b albo aquae colore. Tiberis autem a Tiberino Siluio, rege Albanorum, quod is in eo extinctus est.*

¹¹⁵ A figueira *Ruminalis* situada ao pé do Palatino, próxima à gruta Luperca, tomou esse nome “*quod sub ea arbore lupa mammam dedit Remo et Romulo. Mamma autem rumis dicitur*” (Paulus-Festus, p. 133, L)

bode e as jovens sob suas ordens apresentavam as costas para serem açoitadas com as peles cortadas. A lua recuperava em seu décimo ciclo os novos cornos, (445) e o marido subitamente tornava-se pai e a esposa, mãe. Graças a Lucina: o bosque te deu esse nome, ou então, deusa, porque tens o princípio da luz. Poupa, propícia Lucina, peço-te, as jovens grávidas e retira suavemente a termo a criança do útero. (450)

Nascido o dia, deixa de confiar nos ventos. A brisa desse tempo destruiu a credibilidade. Os sopros não são constantes, por seis dias a larga porta do cárcere eólio abre-se escancarada. Já o inconstante Aquário com sua oblíqua urna desaparece. (455) Recebe, Peixes, em seguida os etéreos cavalos. Dizem que tu e teu irmão (pois cintilais como constelações juntas) apoiaram dois deuses nas costas. Outrora Dione, fugindo do terrível Tifeu (quando então Júpiter pegou em armas em defesa do céu) (460) chega ao Eufrates acompanhada do pequeno Cupido e assenta na margem do rio palestino. Choupos e Juncos ocupavam a superfície das margens e os salgueiros lhes ofereciam a esperança de que os dois ali podiam estar protegidos. Enquanto ela se esconde, o bosque ressoa com o vento: ela empalidece pelo temor (465) e crê que mãos hostis estão por perto. Ao segurar seu filho no regaço, disse: “Socorrei-me, ninfas, e trazei auxílio a dois deuses!” E sem demora correu. Dois peixes aproximaram-se, em razão disso tu percebes que eles têm agora nome de constelação. (470) Por essa razão os sírios consideram impiedade colocar na mesa essa espécie, e, temerosos, não profanam suas bocas com peixes.

*Quirinais, dia nefasto de festas públicas*¹¹⁶

O dia seguinte é livre, mas o terceiro é consagrado a Quirino. Ele tem esse nome (antes foi Rômulo) ou porque a lança é chamada *curis* pelos antigos sabinos:

¹¹⁶ Dia 17.

(475) o deus bélico pelo dardo chega aos céus; ou os quirites atribuíram o nome a seu rei, ou porque este juntara aos romanos os cures. Pois o pai armipotente, depois que viu a nova muralha e as muitas guerras realizadas pelas mãos de Rômulo (480), disse: “Júpiter, o poder romano tem força, ele não precisa do auxílio do meu sangue. Restitui o filho ao pai: ainda que o outro morra, aquele que me resta valerá por si mesmo e por Remo. Um único será quem tu elevarás ao azul do céu. (485) Tu mo disseste: sejam os ditos de Júpiter refletidos.” Júpiter anuíra: ambos os pólos estremeceram com o sinal, e Atlas conheceu o peso do céu. Há um lugar, os antigos o chamaram-no pântano da cabra: acontecia, Rômulo, de dares ali a justiça aos teus. (490) O sol desaparece e nuvens aproximando-se somem com o céu, e uma pesada chuva cai em torrentes profundas. Aqui troveja, ali o céu se rasga lançando raios. Ocorre uma fuga e o rei nos cavalos paternos dirigia-se aos céus. Havia luto e os senadores incriminados em falsos delitos, (495) e essa convicção talvez se tivesse ligado aos ânimos, mas Prócuro Júlio chegava de Alba Longa. A lua brilhava e não era necessário usar tochas, quando com súbito movimento as sebes da esquerda tremeram. Ele retrocedeu e seus cabelos se eriçaram. (500) Belo e ornado com a toga, maior do que um humano, viu-se Rômulo aparecer no meio do caminho, e ao mesmo tempo ter dito: “Proíbes aos quirites lamentarem-se, e não ultrajem minha divindade com suas lágrimas. Que a pia turba traga incenso, acalme o novo Quirino, (505) e cultive as artes dos ancestrais e o dever militar.” Ordenou, e em delicadas aragens desapareceu diante dos olhos. Prócuro convoca o povo e relata as ordens. Ergue-se um templo ao deus; uma colina também levou seu nome, e dias certos refazem os paternos ritos em dias certos. (510)

Aprende por que o mesmo dia também é chamado festa dos estultos: no fundo há uma razão que, apesar de pequena, é conveniente. A antiga terra não teve sábios colonos: as duras guerras fatigavam os ativos varões. Era mais honroso ser capaz

no gládio do que no curvo arado: (515) o campo negligenciado pelo dono produzia pouco. Os antigos, contudo, lançavam o trigo, colhiam o trigo, davam o trigo cortado a Ceres como primícia. Avisados pela experiência, deram o trigo às chamas para torrar, e sofreram muitos prejuízos em razão de seus erros. (520) Pois ora arrastavam negras cinzas em lugar de trigo, ora o fogo consumia os próprios casebres. Fez-se a deusa Fornace: os alegres colonos suplicam a Fornace para que ela cuide de suas searas. Agora o curião máximo proclama as Fornacálias com as fórmulas legais (525) e não torna fixa a cerimônia. E no foro, muita tabela pendendo à volta, cada cúria é assinalada por uma marca certa; a parte estulta do povo desconhece qual é sua cúria, mas refaz no último dia a celebração.(530)

Ferais, dia fasto

Há que honrar os túmulos, apacando as almas dos antepassados e trazendo pequenas oferendas para as cinzas amontoadas. Os manes pedem pouco: a reverência, em lugar da oferenda cara, é aceita; o profundo Estige não tem ávidos deuses. É suficiente uma cobertura adornada com coroas oferecidas, (535) cereais espalhados e uns poucos grãos de sal, e Ceres amolecida no vinho, e violetas soltas: tenha essas coisas um vaso deixado no meio do caminho. Eu não me oponho as oferendas mais caras, mas com aquelas as sombras também podem ser aplacadas. Erguidos os altares, acrescenta preces e as palavras adequadas. (540) Enéias, digno patrono da piedade, trouxe esse costume para tuas terras, ó insigne Latino. Ele realizava as devidas oferendas ao Gênio do pai. Dele os povos aprenderam os pios ritos. Mas outrora, enquanto travavam longas guerras entre exércitos aguerridos, (545) abandonaram os dias da Parentália. Isso não ocorreu impunemente. Assim, dizem que, por esse ultraje, Roma sofreu grandes calores com as piras funerárias dos arredores. Custo acreditar: dizem que os nossos avós saíram das sepulturas lamentando-se na

calada da noite; (550) dizem que pelas ruas da Urbe e pelos amplos campos as almas disformes, turba inconsistente, ululavam. Depois disso, as honras pretéritas omitidas são devolvidas aos túmulos, e enquanto essas coisas acontecem, ocorre um limite para os prodígios e para os funerais. No entanto até que esses fatos aconteçam, esperai, jovens viúvas: (555) que o archote nupcial aguarde os dias puros; nem a ti, que parecerás madura à mãe ansiosa, penteie os virginais cabelos a hasta curva. Guarda tuas tochas, Himeneu, e tira-as das funestas chamas: os tristes sepulcros tem outros lumes. (560) Sejam também as divindades dos templos ocultadas pelas portas fechadas; estejam as aras isentas do incenso e permaneçam sem fogo as lareiras. Agora as almas ligeiras e os corpos sepultados vagam, agora a sombra é nutrida com o alimento depositado. Contudo essas festas tantos dias do mês não ultrapassem a quantos são os pés que o nosso poema tem. (566) Chamaram esse dia Ferália porque nele levam-se as honras devidas aos mortos: Esse é o último dia para aplacar os manes.

Eis que estando no meio de meninas, uma anciã (embora ela mesma mal se cale) oferece sacrificios a Tácita, (570) e com três dedos ela deposita três grãos de incenso sob a porta, por onde um pequeno rato criou para si um caminho oculto. Então, junta fios encantados com o escuro chumbo e rola sete favas negras na boca; comprimiu a cabeça de um pequeno peixe salgado com pez e o atravessa com uma agulha de cobre, (575) e torra a cabeça furada no fogo, e ainda estila vinho sobre isso. De todo o vinho que restou, ou ela bebe, ou as companheiras bebem, embora ela beba mais. “Amarramos hostis línguas e inimigas bocas”, diz a anciã, retirando-se embriagada. (580) Em seguida nos perguntarás quem é a deusa Muda: aprende as coisas que me são conhecidas pelos velhos de antigamente. Júpiter, vencido por desmesurado amor a Juturna, muito suportou que um deus tamanho tanto não devia suportar. Ela ora escondia-se nas florestas, entre as aveleiras, (585) ora lançava-se nas águas suas parentes. Ele convoca

as ninfas, todas as que habitavam o Lácio, e lança no meio da reunião tais palavras: “Vossa irmã, ela mesma, recusa-se e evita o que lhe convém: deitar-se com o maior dos deuses. (590) Atendei aos interesses de nós dois: pois o que será meu grande prazer será o grande benefício de vossa irmã. Obstai-lhe a fuga pela margem mais próxima, e que seu corpo não mergulhe na água do rio.” Dissera; anuíram as ninfas todas do Tibre, (595) e as que habitam teus tálamos, ó deusa Ília Acontece que houve uma naia, de nome Lara, mas a primeira sílaba pronunciada duas vezes era seu antigo nome, tirado de um defeito. Amiúde lhe dissera Almão: “Filha, segura tua língua.” E mesmo assim ela não a segura. (600) Logo que entrou no lago de sua irmã Juturna, disse: “Evita as margens!” E ela relata os ditos de Júpiter. Foi ter ainda com Juno, compadecendo-se das esposas, disse: “Teu marido ama a naia Juturna.” Júpiter irritou-se e arranca-lhe a língua que ela não usou com moderação, (605) e chama Mercúrio: “Conduz esta aos manes, esse local é próprio aos silenciosos; ninfa ela é, mas agora será ninfa do pântano infernal”. Cumprem-se as ordens de Júpiter. Um bosque acolhe os andarilhos: dizem que ela então foi do agrado do deus condutor. (610) Ele mostra violência, ela implora com os olhos em lugar das palavras, e sendo-lhe muda a boca, inutilmente tenta falar. Ela engravida e dá à luz gêmeos, os Lares, que zelam pelas encruzilhadas e sempre vigiam nossa Urbe.

Os caros parentes deram o nome de Carístia ao dia seguinte, (615) e o grupo dos mais próximos apresenta-se aos deuses tutelares. Certamente desviando dos túmulos e dos parentes que morreram agrada voltar os olhos para os vivos, e depois de tantas perdas agrada observar o que resta de nosso sangue e enumerar as gerações. Que venham os puros: para longe daqui, (620) longe esteja o ímpio irmão e a mãe cruel para com seus filhos, aquele para quem o pai viveu demais e que conta os anos da mãe, e a iníqua sogra que maltrata a odiosa nora. Afastem-se os irmãos descendentes de Tântalo

e a esposa de Jasão, (625) a que deu semente mirrada aos lavradores; e não só Procne e a irmã e Tereu, que foi iníquo com as duas, e todo aquele que constrói sua riqueza por meio do crime. Aos deuses ofereci incenso de boa procedência: dizem que a Concórdia é precipuamente propícia nesse dia; (630) e ofereci banquetes, penhor de agradável oferenda, para que o prato colocado nutra os Lares vestidos. E logo que a úmida noite induzir a placidez do sono, quando estiverdes prontos para a prece, tomai bastante vinho com a mão, e dizei: “A vossa saúde, a tua saúde, pai da pátria, grande César!” (635) Que sejam boas as palavras enquanto for derramado o vinho.

*Terminálias, dia nefasto de festas públicas*¹¹⁷

Quando a noite passar, com a honra habitual, seja celebrado o deus que separa com sua marca os campos. Término, quer sejas pedra, quer sejas estaca enterrada no campo, desde a Antigüidade tu também és dotado de cultuada divindade. (640). A ti coroam-te dois chefes de partidos opostos, a ti trazem duas guirlandas e oferecem dois bolos sagrados. Faz-se uma ara: para ela a própria mulher do campo traz o fogo num pequeno vaso de barro tomado da tépida lareira de sua casa. Um velho racha lenha e reúne com habilidade os pedaços, (645) e esforça-se em fixar os ramos na dura terra. Depois ele dá início às primeiras chamas com casca seca; de pé, um menino com as mãos segura um grande cesto. Então quando ele por três vezes lança grãos ao fogo, a pequena filha oferece bolos de mel cortados. (650) Outros trazem vinho: um pouco de cada coisa é oferecido às chamas. A turba vestida de branco observa e guarda silêncio. Término, de todos, é aspergido com o sangue do cordeiro imolado; e o deus não se queixa quando uma porca de leite lhe é ofertada. Os vizinhos em sua simplicidade se reúnem e celebram banquetes, (655) santo Término, e cantam teus louvores: “Tu delimitas povos, cidades e imensos reinos; sem ti todas as propriedades estarão em

litígio. Para ti não há ambição, não és corrompido por nenhum ouro, tu guardas os campos que te foram creditados a fé das leis. (660) Se outrora tivesses marcado a terra de Tyra, trezentos corpos não teriam sido enviados ao leito, nem o nome de Otríades seria lido em armas confiscadas. Ó quanto sangue ele deu à pátria! O que aconteceria quando um novo Capitólio se fizesse construído? (665) A reunião dos deuses cedeu a Júpiter e entregou-lhe o lugar; Término, como os antigos recordam, encontrado no templo, resistiu e compartilha o santuário com o grande Júpiter. Ainda hoje os tetos dos templos têm uma exígua abertura, (670) para que acima deles nada se perceba senão os astros. Término, depois disso a mobilidade para ti não é livre: na posição em que tiveres sido posto, permanece. E se um vizinho te pedir algo, não concedas, para que não pareças preferir o homem a Júpiter. E se fores tocado pelos arados ou pelas enxadas, clama: “Teu é este campo, aquele, o teu!” (675) Há uma via que leva o povo aos campos laurentinos, reinos outrora cobiçados pelo chefe dardânio. Nessa via, o sexto marco desde a Urbe, Término, vê os sacrifícios feitos para ti com as entranhas do gado lanudo. (680) A terra é dada com limites certos a outros povos; o espaço da Urbe romana e do mundo é o mesmo.

Regifúgio, dia nefasto

Agora a fuga do rei será por mim relatada. O sexto dia que precede o fim do último dia do mês¹¹⁸ trouxe o nome daquela fuga. Tarquínio, homem injusto, embora corajoso nos combates, era o que detinha o último reinado sobre o povo romano. (685) Algumas cidades ele capturara, outras destruíra, e tornara seus os gábios com torpe artifício. Pois o mais novo de seus três filhos, um legítimo descendente do Soberbo, na calada da noite insinuou-se no meio dos inimigos. (690) Os soldados desembainharam-

¹¹⁷ Dia 23.

¹¹⁸ Dia 24

se dos gládios: “Matai um desarmado”, disse; “isso é o que meus irmãos desejariam, e também meu pai Tarquínio, que dilacerou minhas costas com cruel açoite.” Para poder afirmar isso ele se submeteu ao açoite. A lua brilhou: eles observam o jovem e guardam os gládios; (695) tiradas as vestes, eles vêem as costas marcadas. Os soldados choram até, e lhe pedem que sirva com eles na guerra. Em sua astúcia ele concorda com os homens que aí se mostram ingênuos. Já no poder envia um amigo para que peça ao pai que lhe mostre a maneira de destruir Gábios. (700) Havia um refinadíssimo jardim de ervas aromáticas, seu solo era cortado por um delicado rio de cantantes águas. Ali Tarquínio recebe as ordens secretas de seu filho, enquanto corta as pontas dos lírios com uma vara. (705) Assim que o mensageiro voltou e falou a respeito dos lírios caídos, o filho diz: Entendo as ordens de meu Pai.” E sem demora, mortos os chefes da cidade gábina, as muralhas destituídas de seus chefes restam desguarnecidas.

Eis que, visão monstruosa, percebendo o crime, uma serpente sai do meio dos altares e, estando o fogo extinto, arrebatou a fressura. (710) Febo é consultado. Assim o oráculo é proferido: O que por primeiro tiver dado um beijo em sua mãe será vitorioso.” E cada um deles apressou-se em beijar suas mães, turba crédula não compreendendo o deus. Bruto era sábio e fingindo-se estulto (715) para que ficasse a salvo de tuas insídias, cruel Soberbo, prostrando-se ajoelhou-se e beijou a mãe Terra: acredita-se que ele tenha caído tropeçando. Nesse meio tempo Árdea é cercada pelas insígnias romanas e sofre bloqueio bastante demorado. (720) Enquanto nada acontece, os inimigos temem começar uma batalha, exercitam-se no acampamento, o soldado passa o tempo no ócio. O jovem Tarquínio recebe aliados com banquetes e vinho; entre eles o filho do rei diz: “Enquanto Árdea nos mantém ocupados com uma guerra prolongada (725) e não nos permite levar de volta as armas aos deuses paternos, por ventura o nosso leito conjugal é respeitado? E por ventura nós somos para nossas

esposas motivo de preocupação, assim como elas são para nós? Cada um louva a sua: no embate das opiniões as disputas aumentam, e coração e língua fervem em meio a muito vinho. (730) Levanta-se aquele a quem a cidade de Colácia dera um nome ilustre: “Não são necessárias palavras, crede nos fatos! Ainda é noite: subamos nos cavalos e sigamos para a cidade!” A proposta agrada, arreiam-se os cavalos que transportam os donos. Imediatamente eles seguiram para o palácio real: (735) não havia nenhum vigia na entrada. Eis que encontram as noras do rei com as coroas caídas no pescoço a passar a noite com o copo cheio de vinho. Em seguida rapidamente vai-se em busca de Lucrécia, e diante de seu leito, cestos havia e macia lã. (740) Sob uma exígua luminosidade as escravas fiavam as roçadas; uma entre elas com delicada voz assim falou: “Essa túnica feita com nossas mãos deve ser enviada ao senhor o quanto antes; rápido, rápido meninas, apressai-vos! Quais são as novidades? Pois podeis ouvir mais coisas: (745) sobre a guerra se diz o quanto ainda dura? Logo cairás vencida, é aos melhores que resistes, Árdea, tu, ímproba, que obrigas nossos maridos a ficarem tão longe! Apenas voltem! Mas o meu é temerário e em qualquer lugar precipita-se com a espada desembainhada. (750) O espírito abandona-me, morro todas as vezes que a imagem dele combatente me invade, e um intenso frio se apossa de meu peito.” Ela desata em lágrimas e soltou os fios antes tensos, e volta a olhar para o colo. Isso tudo lhe foi decoroso: lágrimas convieram a uma recatada, e sua face concordou dignamente com seu espírito. (755) “Afasta o medo”, diz o marido, “estou de volta!” Ela retornou à vida, e no pescoço do marido pendeu seu doce peso. Durante esse tempo o jovem filho do rei concebe uma paixão avassaladora e enlouquece arrebatado por um amor cego. (760) A beleza e a nívea cor e os louros cabelos lhe agradam, e o decoro que estava presente, feito sem nenhum artifício; as palavras agradam, e a voz, e o que não é possível corromper. Quanto menor é a esperança, mais ainda ele deseja. Já a ave

precursora do dia apresentara seu canto (765) quando os jovens retornam ao acampamento. Ele se vê aflito e atormentado pela imagem da ausente; mais e mais coisas agradam àquele que recorda. Assim ela sentou-se, assim esteve ornada, assim fiou na roca, assim os cabelos soltos caíram-lhe sobre o pescoço; (770) esse foi seu rosto, essas foram suas palavras, essa cor, esse semblante, essa era a beleza de sua boca. Como é habitual a uma vaga diminuir depois de um grande sopro, e por outro lado a onda intumesce com o vento que passou, assim também, embora a presença de agradável beleza tenha se afastado, (775) permanecia o amor que fora dado pela beleza quando presente. Ele se abrasa e é impelido pelos aguilhões de um amor proibido. Apresta violência e medo contra um leito a que não tem direito. “O resultado é incerto: ousarei até o fim”, disse, “ela verá! Os deuses e a sorte ajudam os audaciosos. (780) Foi ousando que também conquistamos os Gábios.” Disse essas palavras, cingiu o flanco com a espada, pressionou as ilhargas do cavalo. Colácia acolheu o jovem em sua porta de bronze. Quando já o sol preparava-se para ocultar seu rosto. O inimigo adentrava como amigo a intimidade da casa de Colatino; (785) é recebido cortesmente: ele era ligado pelo sangue. Quanto de erro há nos ânimos! Desconhecedora da situação, a infeliz prepara um banquete para seu inimigo. Ele havia fruído da refeição, o avançado da hora pedia repouso; era noite e nenhuma luz havia em toda a casa. (790) O filho do rei levanta-se e de dourada bainha tira uma espada, e chega a teus aposentos, recatada esposa. Aproximando-se do leito diz o filho do rei: “É Tarquínio quem fala, a espada está comigo, Lucrecia”. Ela nada diz, pois não tem nem voz nem forças para falar, (795) nem pensamento algum passa por sua cabeça; mas treme qual pequena cordeira, surpreendida quando afastada de seus estábulos, estando à mercê do cruel lobo. Que fazer? Lutar? Será vencida a mulher, se lutar. Poderá gritar? Mas na destra uma espada havia para impedi-lo. (800) Poderá fugir? Mãos espalmadas pressionam-lhe o peito, seu

peito pela primeira vez tocado por mão estranha. Amante e inimigo, ele insiste com preces, com promessas e com intimidações. Nem com preces, nem com promessas, nem com intimidações ele a convence. “Não reajas, arrancarei tua vida com injúria”, disse, (805) e acrescentou: “adúltero, serei a falsa testemunha de teu adultério: matarei um fâmulo com quem serás encontrada e flagrada”. A jovem vencida pelo medo da infâmia sucumbiu. De que te alegras, vencedor? Essa vitória arruinar-te-á. Ai! Uma única noite custou-te teu reino. (810) E já era nascido o dia: ela senta-se com os cabelos desgrenhados, como uma mãe costuma fazer quando prestes a assistir ao funeral do filho. Do acampamento ela manda chamar seu velho pai acompanhado de seu fiel marido: pede que sem demora cheguem ambos. Ao verem sua aparência, perguntam a razão de seu luto, (815) ao funeral de quem ela deve comparecer e qual infortúnio a abala. Lucrecia mantém-se calada por um bom tempo, e, em meio a sua vergonha, cobre seu rosto com o manto: lágrimas escorrem como torrente contínua. Ora o pai, ora o marido enxugam suas lágrimas e imploram que ela os esclareça, e choram, e se atemorizam por um medo duvidoso. (820) Por três vezes esforçou-se em falar, por três vezes desistiu, e, ousando na quarta, ela não susteve os olhos. “Também isso deverei a Tarquínio? Falarei”, diz. “Desgraçada eu própria relatarei minha desonra?” E o que pode, narra; restava o fim: chorou (825) e suas faces de matrona enrubesceram. O pai e o marido concedem o perdão pelo ocorrido sob coação. Ela disse: “O perdão que vós concedeis, eu própria nego.” E sem demora atravessou o peito com o punhal escondido, e em meio a muito sangue cai aos pátrios pés. (830) E já a morrer, ela cuida para não sucumbir sem dignidade; essa era sua preocupação até mesmo enquanto caía. Eis que sobre seu corpo, lamentando a perda comum, o pai e o marido jazem, esquecidos do decoro. Assistindo, Bruto propositalmente mente seu próprio nome, (835) e puxa a arma atravessada no corpo semimorto, e segurando a faca banhada de nobre sangue proferiu

impávidas palavras com ameaçadora expressão: “A ti eu juro por este forte e casto sangue, e por teus manes que serão meu nome, (840) que Tarquínio com sua estirpe não de ser castigados com o desterro. Já dissimulei minha coragem por muito tempo”. Ante essas palavras ela voltou os olhos sem luz enquanto jazia, e parecia aprovar com um movimento dos cabelos. A matrona de ânimo viril é levada em funeral (845) e arrasta consigo lágrimas e indignação. A ferida abre-se vazia: Bruto com clamor incita os quirites e relata os nefandos feitos do rei. Tarquínio foge com sua prole. O cônsul assume a autoridade do ano. Aquele foi o último dia para o reino.(850)

Não sei se acaso a andorinha vem como mensageira da primavera e teme que ali o inverno retorne? No entanto, Procne, muitas vezes tu te queixarás em demasia de teres te apressado, e teu esposo Tereu estará feliz quando tu estiveres fria.

*Eqüírias, dia nefasto de festas públicas*¹¹⁹

E duas noites ainda restam do segundo mês (855) e Marte atice os ligeiros cavalos atrelados ao carro: não por acaso as Eqüírias conservaram o nome que lhes foi dado, as quais o próprio deus vê em seu campo. Chegas, Gradivo, com teu direito: teus tempos pedem um lugar, e o mês assinalado com teu nome está próximo. (860) Cheguei ao porto terminando juntamente livro e mês; a partir de agora navegue meu barco outras águas.

¹¹⁹ Dia 27.

IV. BREVES COMENTÁRIOS AO LIVRO II DOS FASTOS

Proêmio 1- 18

Não trataremos dos versos 1 e 2 por nos parecer que já foram referidos na Introdução. Quanto aos versos 3-8, Ovídio aborda a questão da elegia de conteúdo elevado. A imagem de “velas maiores” com relação às suas elegias insinua uma nova direção em sua obra, que agora tratará de assuntos relevantes, ou seja, sua temática não será mais a amorosa, mas abordará os temas propostos nos dois primeiros versos do livro I, um tema de âmbito nacional: a divisão do ano e o movimento dos astros. Em seguida, ele se refere a sua produção anterior como obra exígua, ou seja, a partir de agora Ovídio irá dedicar-se a uma obra maior, mas ela continuará em dísticos elegíacos. Ele compara o novo projeto à sua obra anterior, representada por *Amores*, *Ars* e *Remedia*, “fáceis servos no amor”, que o autor coloca como obras de juventude, como brincadeira de jovem, sugerida pelo verbo *ludit*; Miller¹²⁰ sugere que, assim como os jovens da Comédia Nova têm seus escravos prestativos para suas aventuras eróticas, também o poeta de elegia amorosa tem seus fiéis ministros. E essa obra era “exígua”, termo que está ligado à conceituação de elegia, realmente uma obra de dimensões menores.

Mas, quando Ovídio afirma: “canto também os sagrados tempos assinalados nos fastos”, o que ele quer dizer com esse “também”? Provavelmente ele deixa em suspenso que não abandonou, de todo, a temática amorosa, e ainda teremos a épica sempre espreitando, pois os *Fastos*¹²¹, ao versar sobre o calendário, terá, não

¹²⁰ Miller, J. F. 1991, p. 22.

¹²¹ Cf. Barchiesi (1997) p. 53.

poucas vezes, de se deparar com feitos militares que terão que ser encarados, *malgré lui même*, se não com métrica, seguramente com linguagem épica.

Ovídio assegura igualmente: “e quem acreditaria existir, a partir de tais inícios, uma via para eles?” Ou seja, a partir dos dísticos elegíacos, quem poderia imaginar que eles seriam o caminho, a via para a nova empreitada: “os tempos assinalados nos fastos”; trocando em miúdos, a elegia será, sim, o metro usado para tratar de matéria elevada; mas o que nos parece ser a razão primeira da escolha dos dísticos elegíacos será a da elegia etiológica, à maneira de Calímaco, para descrever o ano do Lácio e o movimento celeste. Não podemos esquecer que as *Metamorfoses*¹²² também formam uma obra de conteúdo elevado, portanto a nova proposta não se refere apenas ao assunto, mas acima de tudo à escolha do metro.

Versos 9 – 18

Ovídio prepara sua dedicatória a Augusto afirmando o seu serviço militar não com as habilidades requeridas a um guerreiro, mas, com sua destra não isenta do dever, ele pode, sem armas, criar um canto, os *Fastos* (*munus*) para Augusto, acrescentando-o aos nomes honoríficos e à seqüência de títulos ganhos nas campanhas de guerra, como se fora um dos soldados que escoltam o general triunfante¹²³. E o soberano a quem o poeta, humildemente, pede um pouco de atenção é o pacificador.

¹²² Cf. p. 476.

¹²³ Nas procissões de triunfo, os soldados carregavam painéis onde estavam inscritos as honras e títulos do general vencedor. *Tristia* 4.2.19-20 *Ergo omnis populus poterit spectare triumphos, cumque ducum titulis oppida capta leget*, (Dessa forma todo o povo poderá assistir ao triunfo, lendo os nomes das cidades capturadas e os títulos dos chefes.). Cf. Fantham R. E. (1986) p. 258; Miller J. (1991) p. 26 e n. 73.

Expições 19-54

Para explicar o nome do mês *februarius*, Ovídio busca os *aitia* no nome *februa*, usado pelos antepassados para designar os ritos expiatórios (*piamina*). Como observador *in loco*, ele confirma as várias alternativas para explicar a palavra *februa*, (purificações)¹²⁴, associada a diferentes objetos: a lã¹²⁵ que o flâmine de Júpiter¹²⁶ e o *rex sacrorum*¹²⁷ dão aos pontífices; a farinha torrada e grãos de sal¹²⁸, o ramo de pinheiro. Acrescenta os ritos do lupercos, que são ritos expiatórios e de fertilidade, terminando com as *Feralia* (21 de fevereiro), que encerram os *dies parentales*, iniciados em 13 de fevereiro, quando as sombras dos mortos eram apaziguadas, o que também explica porque o mês de fevereiro é dedicado aos mortos, *Fasti* I 53, “o que é sagrado aos extremos manes era o extremo”.

Em seguida, Ovídio enumera uma seqüência de purificações por meio da água¹²⁹ para eliminar os crimes de sangue perpetrados por personagens gregos e faz

¹²⁴ Ver Varrão *L. L.* 6,13 *februm sabini purgamentum, et id in sacris nostris verbum*.

¹²⁵ A lã provavelmente está relacionada ao rito das Lupercais, apenas relatada por Plutarco (*Rom.* 21, 6) “depois que os lupercos sacrificavam as cabras, eles tomavam dois adolescentes de família nobre; enquanto alguns o tocavam na fronte com um punhal ensangüentado, outros faziam o mesmo com a lã molhada no leite”. Apud Ovide, *Les Fastes*, trad. Schilling, R. (1992) p. 117 n. 6.

¹²⁶ Ovídio afirma em *F* 2. 282 que o *Flamen Dialis* preside as Lupercais. O flamen dialis, sacerdote “possuído” por seu deus, desempenha, por toda sua vida, como num palco o papel de Júpiter. Suas roupas não podiam ter nenhum nó nem laço; a cabeça era coberta por um barrete feito com a pele branca de uma vítima oferecida a Júpiter; não podia ter contato com homens presos nem com mortos. Sua esposa, com quem era ligada por laços indissolúveis - a *flamínica* - usava um sapato feito com a pele de uma vítima de sacrificio e usava uma roupa vermelha-fogo, como o raio de Júpiter. O sacerdote de Júpiter não podia prestar juramento, pois ele é o juramento, ele encarna o senhor do direito e do juramento. Cf. Scheid, J. (1985) p. 40.

¹²⁷ Os sacerdotes romanos da época histórica faziam parte dos colégios e das *soliditates* (corporações). Os três maiores colégios eram, por ordem de importância: os pontífices, os áugures e os decênviros. O colégio dos pontífices era presidido pelo Grande Pontífice, sendo composto pelos pontífices, pelo *rex sacrorum* (rei dos ritos sagrados), pela *regina sacrorum* e três flâmines maiores: o de Júpiter, o de Marte e o de Quirino. Ainda estavam incluídos no Colégio dos Pontífices os 12 flâmines menores, as Vestais e os flâmines dos imperadores divinizados. Havia 4 corporações: a dos feciais; a dos sális; a dos lupercos; a dos irmãos arvais. Cf. Scheid J. (1998) p.113, 114.

¹²⁸ A farinha e o sal são os componente da *mola salsa*, uma farinha preparada pelas vestais para ser usada nas Lupercais (15-02), nas Vestálias (09-06) e nos idos de setembro (13-09). Cf. Scheid, J. (1998) p. 73.

¹²⁹ O meio mais habitual de purificação é a água, e, nos rituais gregos de purificação, o contacto com a água é fundamental. O homicida, na comunidade arcaica, tem que abandonar sua pátria e procurar no exterior um local, um senhor protetor que aceite executar sua purificação. Até aí, o homicida não deve

uma crítica bastante severa à leviandade de tal procedimento, característica de um tempo passado.

Calendas de fevereiro, dias nefastos, 55 – 118

Ovídio enunciará o primeiro título, conforme prometido nos versos 15 e 18, “Restaurador de Templos”¹³⁰; não se trata de um título oficial, outorgado pelo Senado ou pelo povo, como o é *Pater Patriae*. Os títulos oficiais são tratados nos dias previstos no calendário; criando novos, Ovídio possibilita uma nova chance de encômio ao soberano¹³¹.

A seguir, o poeta oferece uma descrição do céu e, ao enunciar que a constelação do Delfim fará a descrição da metamorfose do delfim em astro, narrando a fábula de Aríon, o aedo que com seu canto dominava a natureza, as feras e deliciava os próprios deuses, faz uma ponte entre a Itália e a Grécia. Ele é o herdeiro da coroa de Apolo, “... a coroa, que possa ela, Febo, ornar teus cabelos”, e enfrenta a cobiça dos homens e a espada de um *gubernator*, alguém de quem se espera mantenha o rumo do barco: os artistas, em Ovídio, são pessoas que vivem perigosamente¹³². E conclui, muito sutilmente, já preparando o próximo passo, o encômio de Augusto como *Pater Patriae*, com “os deuses estão atentos aos pios feitos”.

Nonas, dia nefasto de festas públicas, 119 – 192

Ovídio inicia o encômio de Augusto como *Pater Patriae*, título que lhe foi conferido por todas as ordens do povo romano e que expressa o poder crescente do soberano, com um lamento por ser tão grandiosa tal tarefa que ela precisaria de um

pronunciar uma palavra, não pode ser recebido em casa, nem partilhar as refeições – quem com ele mantiver contacto fica igualmente maculado Cf. Burkert, W. (1993)p. 173.

¹³⁰ Cf. Suet. *Aug.* 30.2

¹³¹ Cf. Herbert-Brown, G. (1994) p. 33.

¹³² Cf. Barchiesi (1997) p. 81 n. 3

fôlego homérico. Tanto podemos considerar essas reflexões como artifícios retóricos, como entendê-las como reflexões sobre o fato de tratar matéria elevada com dísticos elegíacos, lembrando Horácio, em *AP* 73-98, que define o preceito de que o metro escolhido tem que estar de acordo com o peso e conteúdo do poema e seu propósito poético.

Ao comparar Augusto a Júpiter, Ovídio concede a maior honra possível a ele; depois, ao compará-lo a Rômulo, fundador de Roma, referencial para a romanidade, o poeta levanta problemas delicados da história de uma maneira bastante elegante, mas não sem deixar um rastro de ironia por todo o relato. Ao mencionar as muralhas transpostas por Remo, está implícito o fratricídio que seria indelicado mencionar; Ovídio não o menciona e o transforma, habilmente, em elogio a Augusto. Ao relatar as pequenas conquistas de Rômulo, o poeta consegue o ápice do panegírico: “sendo Augusto o chefe, um e outro lado do sol é romano” (v. 136); aborda a questão de rapto e estupro de mulheres, de um modo bastante sutil, não mencionando o fato, mas exaltando o ponto de honra de Augusto como mantenedor dos bons costumes; encara o fato de Rômulo ter acolhido, em sua cidade, todo tipo de gente para chegar a Augusto legislador; finalmente afirma: “o pai te fez celeste; Augusto fez o pai celeste” (v. 144). Para exaltar Augusto, Ovídio diminui a imagem de Rômulo; se diminuir a imagem de Rômulo foi a melhor maneira de dignificar Augusto, não podemos ter certeza, mas foi a escolha do poeta.

Em seguida à comparação de Augusto a Júpiter e Rômulo, Ovídio menciona a constelação de Aquário associada ao jovem Ideu¹³³, em dois únicos versos (145-6). Ao apresentar o jovem Ganimedes elevado aos céus por uma paixão fugaz do

Pai dos deuses, Harries¹³⁴ afirma que, ao dizer que Júpiter e Augusto partilham um *nomen* (131-2), o sentido de *nomen* pode, além de *pater*, abranger a noção de *reputatio*, compartilhada pelo deus e por Augusto. Dessa forma, as apoteoses de Rômulo e Júlio César, no verso 144, e uma futura apoteose de Augusto ficam debilitadas pela imagem de Ganimedes ascendendo aos céus por um simples capricho do pai dos deuses. Já Barchiesi¹³⁵ discorda, sustentando que elogios políticos e brincadeiras não são incompatíveis. Propomos uma terceira possibilidade. Parece-nos que, ao mencionar a ascensão de Ganimedes, imediatamente seguido do relato detalhado do catasterismo de Calíope e seu filho nas constelações Arcton e Arctófilax, com descrição do estupro perpetrado por Júpiter, a ironia de Ovídio reflete a política austera de Augusto com relação ao comportamento moral do povo. Em 18 a.C., por exemplo, a *lex Iulia de maritandis ordinibus*¹³⁶ estipulava, entre outros itens, que a viúva deveria casar-se no espaço de um ano após a morte do esposo¹³⁷. Ora, é sabido que Augusto casou-se com Livia num divórcio escandaloso, estando ela grávida de Druso. Em *F I* 35-6, Ovídio diz que Rômulo, ao estipular o calendário com dez meses, o faz baseado no tempo que a viúva deve manter o luto pela morte do marido: “o mesmo número de meses que a esposa mantém os tristes sinais da viuvez, pela morte do esposo, em sua casa”. Ora, tratando-se de um preceito que remonta à fundação de Roma, fica clara a quebra da ordem estabelecida perpetrada por Augusto.

¹³³ O jovem Ideu é Ganimedes, pertencente à estirpe real de Tróia. Quando jovem, quase adolescente, guardava os rebanhos de seu pai, quando Zeus - fascinado por sua beleza - o raptou e o levou para o Olimpo, onde serviu de escanção: cabia-lhe encher a taça do Pai dos Deuses com o néctar.

¹³⁴ Harries, B. (1989) p. 166-7.

¹³⁵ Barchiesi A. (1997)

¹³⁶ Herbert-Brown, G. (1994) p. 148.

¹³⁷ O que Augusto pretendia com essa lei era aumentar o número de nascimentos gerados pela famílias romanas. E em seguida os Fastos vão tratar de ritos de purificação e fertilidade (lupercais).

Idos. Dia nefasto de festas públicas, 193 - 266

Após mencionar os sacrifícios em honra de Fauno nos Idos, Ovídio inicia o relato da desastrosa batalha do Cremera, onde os 306 membros da família Fábica foram mortos nesse mesmo dia, chegando quase à extinção. Além dos Fábios formarem uma *gens* das mais antigas, ela também será responsável pela criação de um dos colégios dos lupercos, conforme relato feito nos versos 359 – 80.

A narrativa de Ovídio sobre a emboscada em que os Fábios caem, é feita num estilo completamente épico, com detalhes da operação militar que se desenrola. O que se percebe é a ênfase dada pelo poeta na irreflexão e no arrebatamento dos Fábios, que acabam por provocar sua derrocada na armadilha que os veientes preparam, onde os 306 Fábios morrem, restando apenas um menino impúbere que garantirá a futura descendência, da qual sairá o maior herói, Quinto Fábio Máximo, o *Cunctator*¹³⁸: v. 242 *cui res cunctando restituenda foret*¹³⁹ (“por quem a situação haveria de ser reparada com a espera do melhor momento”). A prudência de Quinto Fábio contrasta com a impetuosidade dos 306 mortos por causa da imprudência sugerida na descrição da batalha, e Ovídio insinua que a experiência vivida pelo clã no Cremera tenha servido de lição para que as futuras gerações finalmente produzissem o *Cunctator*.

O interesse de Ovídio na *gens Fábica* também está relacionado a seu amigo e patrono, Paulo Fábio Máximo, a quem ele escreve duas epístolas: *Ex. P.* 1.2; 3.3, nas quais apresenta mais referências sobre o Cremera e sobre a continuidade do episódio.

¹³⁸ Quinto Fábio Máximo (275 – 203 aC) sua tática de protelar o ataque a Aníbal durante a Segunda Guerra Púnica (218 – 201 aC), deu a Roma tempo para reorganizar-se e recuperar suas forças para enfrentar os cartagineses.

¹³⁹ Versão de Ênio (*Ann.* 363 Sk.): *unus homo nobis cunctando restitui rem* (“apenas um homem, protelando, devolveu-nos a nação”). Apud Barchiesi (1997) p. 151.

Encerrando o episódio dos Fábios, Ovídio conta a fábula que explica o *aition* de três constelações brilharem sempre juntas: o Corvo, a Serpente e a Taça.

Lupercais, dias nefastos de festas públicas, 267 – 474

Ovídio buscará a origem das Lupercais e o porquê de seus sacerdotes não usarem roupas. Inicialmente ele, invocando as musas Piérides, procurará as remotíssimas origens gregas do rito, período no qual o povo era de tal forma primitivo que não precisava de roupa, pois podia suportar intempéries. Acrescentará que Evandro trouxe essas divindades silvestres que são até hoje cultuadas, e a essas deidades agradava correr sem roupas, lupercos. Em seguida, narrará uma fábula jocosa sobre Hércules¹⁴⁰ e Ônfale, como uma terceira etiologia para justificar a nudez dos lupercos: “o deus enganado pela roupa não ama as vestimentas que enganam seus olhos e invoca a nudez para seus ritos”(F II 357-8). Barchiesi¹⁴¹ chama a atenção para as histórias cômicas introduzidas nos fastos¹⁴² e sua relação com o teatro. No caso particular da tentativa de Fauno seduzir Ônfale, ele salienta que os termos usados para a apresentação do tema, *traditur antiqui fabula plena ioci* (“conta-se uma fábula cheia do humor antigo” II 304), têm relação com o teatro. A presença dos termos *fabula* e *ioci* lembram histórias burlescas ligadas às comédias: mimo e farsa atelana. As histórias são, geralmente, relacionadas a Dioniso com seu séqüito de sátiros, mênades, Sileno e jumentos que como que introduzem o mundo da comédia. No livro II, quando Fauno tenta seduzir Ônfale, a ação se passa numa noite de abstinência em preparação para um rito báquico.

¹⁴⁰ Como expiação pela morte de Ífito, Hércules foi vendido a Ônfale como escravo.

¹⁴¹ Barchiesi (1997) p. 238 – 246.

¹⁴² F 1.393-440 Priapo tenta violentar a ninfa Lótis mas é interrompido pelo zurro do asno; F 2.303-56 Fauno tenta violentar Ônfale, mas em seu lugar encontra Hércules em roupas femininas; F 3.677-96 Marte pensa que está indo para a cama com Minerva, mas, em lugar dela, ele depara-se com uma velha muito cômica disfarçada de Minerva; F 6.321-44 Priapo tenta violentar Vesta mas é interrompido pelo zurrar do asno.

Não é de se esperar, no nível elevado dos *Fastos*, tais figuras, por isso o poeta usa do artifício de “conta-se uma fábula ...”. Barchiesi sugere que a importância dos Luperciais nos *Fastos* pode ser visto como uma resposta ao monopólio do imperador nas reformas religiosas; diz-nos Fantham¹⁴³ que as Luperciais foram restauradas por Augusto. Barchiesi ainda lembra que nem Propércio nem Ovídio, em suas elegias, abordaram situações envolvendo falos eretos.

Ainda procurando causas para os lupercos andarem nus, Ovídio envereda agora por origens latinas. A lenda romana que o poeta propõe contrasta com o mito grego de Hércules e Ônfale, repleto de licenciosidade. Como observa Parker¹⁴⁴, o tratamento de personagens mitológicos em ambiente grego é completamente diferente da representação desses mesmos personagens em contexto romano ou pré-romano. Na Grécia, Fauno é lascivo, ansioso para violentar Ônfale e inadvertidamente molesta Hércules por engano e, no mesmo episódio, Hércules é retratado como um ridículo serviçal e travesti. Ao chegar à Itália, ambos são tratados com muito respeito: Fauno torna-se um conselheiro divino do rei Numa (*F* 3.285-328) e Hércules, como hóspede de Evandro, é honrado com o culto da *Ara máxima*.

¹⁴³ Fantham, E. (1983) p. 192.

¹⁴⁴ Parker H. C. (1993) p.199

V. BIBLIOGRAFIA

1. Edições e traduções

OVID. *Fasti*, with an english translation by Sir James George Frazer. Cambridge, Massachusetts, London, Harvardd University Press, 1989.

_____. *The Fasti of Ovid*, edited with notes and indices by Hallam, G. H. London, Macmillan and Co., 1882.

OVIDE. *Les Fastes*, tome I Livres I-III, texte établi, traduit et commenté par Robert Schilling. Paris, Les Belles Lettres, 1992.

P. OVIDIUS NASO. *Fastorum Liber Secundus*. OVIDE. *Les Fastes, Livre II*, édition et commentaire de Henri Le Bonniec. Collection “Érasme” de texts latins commentés, publiée sous la direction de Pierre Grimal. Paris, Presses Universitaires de France, 1969.

PUBLIO OVIDIO NASÓN, *Fastos, libros I-III*, Introducción, versión rítmica y notas de José Quiñones Melgoza. Universidad Nacional Autônoma de México, Imprenta Universitária, 1985.

THE FASTI OF OVID EDITED WITH NOTES AND INDICES by G. H. Hallam. Macmillan an Co.. London, 1882.

OVID Fasti book IV, edited by Elaine Fantham. Cambridge, Cambridge University Press, 1998.

2. Fontes antigas

ARISTÓTELES, *Poética*, tradução directa do grego, com introdução e índices por Eudoro de Souza. Lisboa, Guimarães & Cia. Editores, s.d.

HORÁCIO, *A Arte Poética de Horácio*, tradução Dante Tringali. São Paulo. Musa Editora (1994).

OVIDE. *L'Art d'aimer*, texte établi et traduit par Henri Bornecque. Paris, Les Belles Lettres, 1983.

_____. *Les amours*, texte établi et traduit par Henri Bornecque. Paris, Les Belles Lettres, 1930.

_____. *Tristes*, texte établi et traduit par Jacques André. Paris, Les Belles Lettres, 1968.

OVÍDIO. *Os Remédios do Amor, Os cosméticos para o Rosto da Mulher*, tradução, introdução e notas Antônio da Silveira Mendonça. São Paulo, Nova Alexandria, 1994.

PROPERCE. *Elégies*, texte établi et traduit par D. Paganelli. Paris, Les Belles Lettres, 1970.

SEXTI POMPEI FESTI. *De verborum significatu quae supersunt cum Pauli epitome*, Thewrewkianis copiis usus edidit Wallace M. Lindsay. Lipsiae, Teubneri, 1913.

TIBULLUS. *Tibulle et les auteurs du Corpus tibullianum*, texte établi et traduit par Max Panchont. 7. tirage Paris, Les Belles Lettres, 1968.

TITE-LIVE. *Histoire Romaine*, tome I, texte établi par Jean Bayet et traduit par Gaston Baillet. Paris, Les Belles Lettres, 1947.

VARRO, Marcus Terentius. *La langue latine*, texte établi, traduit et commenté par Pierre Flobert. Paris, Belles Lettres, 1985.

3. Estudos específicos

ALLEN, K. The Fasti of Ovid and the Augustan Propaganda. *The American Journal of Philology*, Vol. 43, N- 3. (1922), pp. 250-266.

BARCHIES, A. . *The Poet and the Prince*, University of California Press, Berkeley and Los Angeles , California, 1997.

BAYET, J. *Croyances et Rites dans la Rome Antique*. Payot, Paris, 1971.

_____. *La Religion Romaine histoire politique et psychologique*. Paris, Petite Bibliothèque Payot, s/d.

BEARD, M.; NORTH, J; PRICE, S. *Religious of Rome. Volume 2 A sourcebook*. Cambridge University Press. 2000.

- BOYANCÉ, P. *Études sur la Religion Romaine*. Rome, École Française de Rome, Palais Farnèse, 1972.
- BURKERT, W. *Religião Grega na época Clássica e Arcaica*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 1993
- CAMERON, A. *Callimachus and his Critics*. Princeton, New Jersey. Princeton University Press. 1995.
- FANTHAM, Elaine. Sexual comedy in Ovid's *Fasti*: sources and motivation. Harvard *Studies in Classical Philology*, Vol. 87. (1983), pp. 185-216. Ovid's *Fasti*: Politics, History, and Religion. In: Barbara Weiden Boyd (ed.) Brill's *Companion to Ovid*. Leiden- Boston, Köln: Brill, 2002, p. 197- 233.
- _____. "Ovid Germanicua and the Composition of the *Fasti*," *Papers of the Liverpool Latin Seminar* 5, 243-81. 1986.
- _____. Ovid's *Fasti*: Politics, History, and Religion. In: Barbara Weiden Boyd (ed.) Brill's *Companion to Ovid*. Leiden-Boston, Köln: Brill, 2002, p. 197- 233.
- FANTUZZI, M and HUNTER, R. *Tradition and Innovation in Hellenistic Poetry*. Cambridge. Cambridge University Press. 2004.
- FEENEY, D. *Literature and Religion at Rome Cultures, contexts, and beliefs*. Cambridge, UK, Cambridge University Press, 1999.
- GIANGRANDE, G. Los Tópicos Helenísticos en la Elegía Latina. *EMERITA REVISTA DE LINGÜÍSTICA y Filología Clásica*, Tomo XLII, fasc. 1-, Madrid, 1974.
- GRAF, F. Myth and Ovid. In: *The Cambridge Companion to Ovid*, edited by Philip Hardie. Cambridge, UK, Cambridge University Press, 2002, p. 108-121
- HABINEK, T. Ovid and Empire. In: *The Cambridge Companion to Ovid*, edited by Philip Hardie. Cambridge, UK, Cambridge University Press, 2002, p. 46-61.
- HARDIE, P. Ovid and early imperial literary History. In: *The Cambridge Companion to Ovid*, edited by Philip Hardie. Cambridge, UK, Cambridge University Press, 2002, p. 34-44.

- HARRIES, B. Ovid and the Fabii: Fasti 2. 193-474. *The Classical Quarterly*, New series, vol. 41 No. 1. (1991), pp. 150-168
- _____. Causation and the Authority of the Poet in Ovid's Fasti. *The Classical Quarterly*, New Series, Vol. 39, No. 1 (1989), pp. 164-185
- HARRISON, S. Ovid and genre: evolution of an elegist. In: *The Cambridge Companion to Ovid*, edited by Philip Hardie. Cambridge, UK, Cambridge University Press, 2002, p. 79-94.
- HERBERT-BROWN G. Ovid and the Stellar Calendar. In *Ovid's Fasti Historical Readings at its Bimillennium*. Edited by Geraldine Herbert-Brown. Oxford. Oxford University Press. (2002) p. 101-128.
- LEE, A. G. Ovid's 'Lucretia' [Ovid's 'Lucretia'] *Greece and Rome*, Vol.22, N- 66. (Oct., 1953), pp. 107-118.
- MILLER, J. F. *Ovid's Elegiac Festivals*. Frankfurt am Main, Peter Lang, 1991.
- _____. The Fasti; Style, Structure, and Time. In: *Barbara Weiden Boyd* (ed.) *Brill's Companion to Ovid*. Leiden-Boston, Köln: Brill, 2002, p.167-196.
- NEWLANDS, C. Mandati memores: political and poetic authority in the Fasti. In: *The Cambridge companion to Ovid*, edited by Philip Hardie. Cambridge, UK, Cambridge University Press, 2002, p. 200-216.
- NORTH, J. A. Roman Religion. *Greece & Rome*, New Surveys in the Classics N- 30, p. 1-99, 2000.
- OTIS, B. Ovid and the Augustans. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, Vol. 69 (1938), pp. 188-229.
- OWEN, S. G. Ovid's Use of the Simile. *The Classical Review*, Vol. 45, N- 3. (Jul., 1931), pp. 97-106.
- PARKER, H. C. Romani numen soli: Faunus in Ovid's Fasti. *Transactions of Philological Association* (1974), Vol. 123. (1993), pp. 199-217.

- PASCO-PRANGER, M. "Added Days: Calendrical Poetics and the Julio-Claudian Holidays" in *Ovid's Fasti Historical Readings at its Bimillennium*. Edited by Geraldine Herbert-Brown. Oxford. Oxford University Press. 2002. p. 251-274
- POLIZIANO, A. *Commento Inédito al Fasti di Ovidio*. Firenze, Leo S. Olschki Editore, MCMXCI.
- PORTE, D. *L'Étiologie Religieuse dans les Fastes d'Ovide*. Paris, Les Belles Lettres, 1985.
- PRIEUR, J. *La Mort dans l'Atiquité Romaine*. Ouest-France, 1986.
- SCHEID, J. *La Religion des Romains*. Paris, Armand Colin, 1998.
- _____. *Quand Faire C'Est Croire, Les Rites Sacrificiels des Romains*. Aubier, 2005.
- _____. *Religion et Piété à Rome*. Paris, Éditions la Découverte, 1985.
- SCHIESARO, A. Ovid and the professional discourses of scholarship, religion rethoric. In: *The Cambridge Companion to Ovid*, edited by Philip Hardie. Cambridge, UK, Cambridge University Press, 2002, p. 62-75.
- SCOTT, K. Emperor Worship in Ovid. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, vol. 61 (1930), pp. 43-69.
- SHARROCK, A. Gender and sexuality. In: *The Cambridge Companion to Ovid*, edited by Philip Hardie. Cambridge, UK, Cambridge University Press, 2002, p. 95-107.
- TARRANT, R. Ovid and ancient literary history. In: *The Cambridge Companion to Ovid*, edited by Philip Hardie. Cambridge, UK, Cambridge University Press, 2002, p. 13-33.
- TOOHEY, P. *Reading Epic, An introduction to ancient narratives*. Routledge, New York, 1992.
- _____. *Epic Lessons, An introduction to ancient didactic poetry*. Routledge, New York, 1996.
- TUPET, A-M. *La Magie dans la Poésie Latine, des origines à la fin du règne d'Auguste*. Paris, Les Belles Lettres, 1976.

VOLK, K. Cum carmine crescit et annus: Ovid's Fasti and the Poetics of Simultaneity. *Transactions of the American Philological Association* (1974), Vol. 127 (1997)pp. 287-313.

4. Estudos gerais e obras de referência

BAYET, Jean. *Litterature latine*. Paris, Armand Colin, 1953.

BICKEL, E. *Historia de la Literatura Romana*. Madrid, Editorial Gredos, 1987.

CONTE, G. B. *Latin Literature, a History*. Baltimore and London, The John Hopkins University Press, 1999.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.

_____. *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*, préf. de Charles Picard. [1. éd.] Paris : Presses universitaires de France, 1951.

_____. *La civilisation romaine*. [Paris,] Arthaud, 1965.

_____. *La litterature latine*. 4. ed. Paris, Presses Universitaires de France, 1988.

_____. *La mythologie grecque*. Vendôme, France, Presses Universitaires de France, 1956.

VEYNE, Paul. *Historia da vida privada*, dirigida por Philippe Ariès e Georges Duby, v.1: do Império ao ano mil, org. por Paul Veyne. São Paulo : Companhia das Letras, 1995.

_____. *La Société romaine*. Paris, Seuil, 1991.

_____. *L'élégie érotique romaine : l'amour, la poésie et l'Occident*. Paris, Éditions du Seuil, 1983.